

CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO
UNISAL- *CAMPUS* MARIA AUXILIADORA

Elenice Martins de Oliveira Silva

ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: um Instrumento para a
Educação Sociocomunitária

Americana

2019

Elenice Martins de Oliveira Silva

A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: Um Instrumento para a Educação
Sociocomunitaria

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação à Comissão Julgadora do Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sueli Maria Pessagno Caro.

Americana

2019

Silva, Elenice Martins de Oliveira

A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: Um Instrumento para a Educação Sociocomunitaria / Elenice Martins de Oliveira Silva. -- AMERICANA, 2019.

91 f.

Orientador (a): Profa. Dra. Sueli Maria Pessagno Caro.

Dissertação (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação - Mestrado) -- UNISAL - CAMPUS MARIA AUXILIADORA, AMERICANA, 2019.

Inclui bibliografia

1. Educação Sociocomunitária. 2. Abordagem Centrada na Pessoa. 3. Carl Rogers. 4. Dom Bosco. 5. Paulo Freire. I. Caro, Profa. Dra. Sueli Maria Pessagno (orient). II. Título.

ELENICE MARTINS DE OLIVEIRA SILVA

**A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: UM INSTRUMENTO PARA A
EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação – área de concentração: Educação Sociocomunitária.

Linha de pesquisa:
A intervenção educativa sociocomunitária:
linguagem, intersubjetividade e práxis.

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Maria Pessagno Caro

Dissertação defendida e aprovada em **20 de março de 2019**, pela comissão julgadora:

Prof. Dr. Daniel Bartholomeu – Membro Externo
Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

Profa. Dra. Valéria Oliveira de Vasconcelos – Membro Interno
Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

Profa. Dra. Sueli Maria Pessagno Caro – Orientadora
Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

Dedico este trabalho ao meu esposo e meus filhos pelo apoio e compreensão;
a minha orientadora Prof^a. Dr^a. Sueli Maria Pessagno Caro;
a todos os professores que acreditaram no meu trabalho;
a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram
para a conclusão de mais esta etapa.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a DEUS, pela vida e a possibilidade de realizar mais este trabalho.

Em especial ao meu esposo Roberto, meu amigo, meu companheiro de todas as horas, por sempre ser meu porto seguro e simplificar as coisas que para mim parecem tão difíceis, sem a sua força mais esse sonho não seria possível...

Aos meus filhos Joabe e Julia por suportarem minha ausência mais uma vez.

Aos familiares que me ajudaram desde quando eu decidi voltar a estudar depois de tanto tempo, com atos, palavras de incentivo e força.

Aos professores; Dr. Renato Soffner, Dr. Francisco Evangelista que colaboraram ao longo dessa jornada para o meu desenvolvimento, tanto acadêmico como pessoal.

Aos Professores; Dr. Daniel Bartholomeu e Dr^a. Valéria Oliveira de Vasconcelos, por aceitarem o convite e estarem presentes na minha Banca.

Em especial à minha orientadora Prof^a Dr^a. Sueli Maria Pessagno Caro, pelo apoio e por acreditar na minha proposta de pesquisa, deixando uma contribuição extremamente importante e positiva nesta fase da minha vida.

Aos colegas de sala pela amizade e a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a conclusão deste curso.

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos,
e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como
o sino que tine. (Bíblia Sagrada).

RESUMO

A presente pesquisa apresenta a Abordagem Centrada na Pessoa como um instrumento para a Educação Sociocomunitária. Como problema de pesquisa apresentamos o seguinte questionamento: Como a Abordagem Centrada na Pessoa pode contribuir para a Educação Sociocomunitária? A Abordagem Centrada na Pessoa foi desenvolvida pelo pesquisador e psicólogo Carl Rogers, e é uma área de aplicação bastante extensa, que abrange as áreas da psicoterapia, educação, resolução de conflitos, relações familiares, grupos de encontro e comunidade. Pensando que a Educação Sociocomunitária contribui para o desenvolvimento integral do indivíduo, envolvendo o crescimento subjetivo, e o desenvolvimento de uma cidadania consciente, acredita-se que a Abordagem Centrada na Pessoa vem contribuir com a Educação Sociocomunitária, visto que se utiliza de instrumentos para a construção de uma aprendizagem significativa, que pode gerar uma mudança no comportamento do indivíduo e em suas atitudes. A base da Abordagem Centrada na Pessoa constitui em que os indivíduos possuem dentro de si amplos recursos para se auto compreender e para modificar seus autoconceitos, suas atitudes e seu comportamento. Para que esses recursos sejam ativados é necessário proporcionar um clima passível de significação e de atitudes facilitadoras descritas no decorrer da pesquisa. O objetivo desta pesquisa é analisar a Abordagem Centrada na Pessoa e a implicação dessa abordagem como um instrumento para a educação sócio-comunitária. A proposta da pesquisa se justifica pelo fato de se tratar de uma abordagem, que se utilizada, altera o comportamento do indivíduo, fazendo com que este reflita sobre suas atitudes. Como metodologia para o desenvolvimento deste estudo foi utilizado a pesquisa bibliográfica e abordagem qualitativa. Os resultados da pesquisa apontam que Abordagem Centrada na Pessoa pode contribuir com a Educação Sociocomunitária, pois oferece formas de lidar com o ser humano em suas relações, que acarretam em mudança e crescimento pessoal, provocando assim a transformação da sociedade, de acordo com a sua proposta de atuação.

Palavras-chaves: Educação Sociocomunitária, Abordagem Centrada na Pessoa, Carl Rogers, Dom Bosco, Paulo Freire.

ABSTRACT

The present research presents the Person Centered Approach as an instrument for Socio-Community Education. As a research problem it presents the following question: How can the Person Centered Approach contribute to Socio-Community Education? The Person-Centered Approach was developed by the researcher and psychologist Carl Rogers, and is a very extensive area of application, which covers the areas of psychotherapy, education, conflict resolution, family relationships, encounter groups and community. Considering that Sociocommunication Education contributes to the integral development of the individual, involving subjective growth, the development of a conscious citizenship, the Person-Centered Approach contributes to Socio-Community Education, since instruments are used to construct a learning process with meaning, which generates a change in the behavior of the individual, in their attitudes and personality. The basis of the Person-Centered Approach is that individuals possess within themselves ample resources to self-understand and to modify their self-concepts, attitudes, and behavior. For these resources to be activated it is necessary to provide a climate of meaning and facilitating attitudes. The objective of this research is to analyze the Person-Centered Approach and the effectiveness of this approach as a tool for community education partner, understand the factors that influence or prevent the subject to move forward in your life. The research proposal is justified by the fact that it is an approach that alters the behavior of the individual, causing him to reflect on his attitudes. As a methodology for the development of this study, bibliographic research and a qualitative approach were used. The results of the research indicate that the Person-Centered Approach can contribute to Socio-Community Education, since it offers ways of dealing with the human being in their relationships, leading to personal growth and change, the transformation of society, according to its proposed action.

Keywords: Socio-Community Education, Person-Centered Approach, Carl Rogers, Don Bosco, Paulo Freire.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA	14
1.1 Histórico da Abordagem Centrada na Pessoa.....	14
1.2 Tendência Atualizante.....	17
1.3 Tendência Formativa.....	19
1.4 Atitudes facilitadoras do crescimento.....	25
2 A IMPORTÂNCIA DE UMA RELAÇÃO DE AJUDA	32
3 DUAS DAS MODALIDADES DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA	42
3.1 Os grupos de encontro.....	42
3.2 Ensino centrado no aluno.....	45
4 EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA	51
4.1 Carl Rogers e Paulo Freire.....	58
4.2 Carl Rogers e D. Bosco.....	61
4.3 Definições abordadas por Rogers, Freire e Dom Bosco.....	67
5 ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA- UM INSTRUMENTO PARA A EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta a Abordagem Centrada na Pessoa como um instrumento para a Educação Sociocomunitária. A Abordagem Centrada na Pessoa foi desenvolvida pelo pesquisador e psicólogo Carl Rogers, sendo uma área de aplicação bastante extensa, em que abrange os campos da psicoterapia, educação, resolução de conflitos, relações familiares, grupos de encontro, grupos de crescimento e grandes grupos de comunidade.

Pensando que a Educação Sociocomunitária coopera para o desenvolvimento integral do indivíduo, envolvendo o crescimento subjetivo, o desenvolvimento de uma cidadania consciente, bem como a probabilidade de reinserção ou ressocialização deste na sociedade, a Abordagem Centrada na Pessoa vem então contribuir com a Educação Sociocomunitária, visto que se utiliza de instrumentos que podem gerar a construção de uma aprendizagem significativa que vai além de fatos.

Consiste em uma aprendizagem que gera uma mudança, tanto no comportamento do indivíduo, como na orientação futura que propõe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem intensa que não se fixa a uma ampliação de conhecimentos, mas que adentra profundamente todas as partes da sua existência.

A base fundamental da Abordagem Centrada na Pessoa segundo Rogers (1983), consiste em que os indivíduos possuem dentro de si amplos recursos para se auto compreender e para modificar seus autoconceitos, suas atitudes e seu comportamento autônomo.

Para que esses recursos sejam ativados é necessário proporcionar um clima passível de significação através de atitudes facilitadoras. Segundo o autor existem três atitudes que precisam estar presentes para que se desenvolva um ambiente facilitador de crescimento: autenticidade ou congruência, aceitação positiva incondicional e compreensão empática (ROGERS, 1983).

Essas atitudes geram a atualização do indivíduo em qualquer relacionamento interpessoal, seja no relacionamento terapeuta paciente, pais-filhos, líder e grupo, administrador e equipe, aluno e professor. Destacou que uma relação de ajuda em que esteja presente uma escuta atenta ao outro constitui um elemento importante

nas relações, pois os indivíduos passam a se ouvir gradualmente um ao outro. Rogers (1985), enfatizou que se em uma relação pelo menos um dos membros procurar promover no outro o desenvolvimento, o amadurecimento e o crescimento, haverá um melhor funcionamento e uma maior habilidade de enfrentar a vida.

Rogers (1983), transformou o antigo conceito de Terapia centrada no cliente para Abordagem centrada na pessoa, pois dizia se tratar não só de psicoterapia, mas de uma filosofia, um modo de ver a vida, um modo de ser, que poderia ser aplicada a qualquer situação em que o crescimento fizesse parte dos objetivos, seja uma pessoa, um grupo, uma comunidade.

Para Rogers (1985), o importante em suas pesquisas, embora seja relevante, não é o simples fato de evidenciar uma forma de psicoterapia eficaz, mas sim, o fato de justificar uma teoria que compreende a todo relacionamento humano.

Ele dizia haver motivos para achar que o relacionamento terapêutico compõe apenas um padrão de relações humanas, mas que o mesmo vale a todas as relações. Dizia ser pertinente previr que, se os pais criassem seus filhos num ambiente psicológico do tipo que ele apresentou, a criança se tornaria mais autogerida, socializada e madura.

Pretende-se também utilizar como referências autores como Dom Bosco e Paulo Freire, pois nesses autores existem aspectos e semelhanças que confirmam as ideias do principal autor da pesquisa.

Dom Bosco, teve como foco principal o lugar em que se encontra o educando, suas experiências de vida, as necessidades mais urgentes, no qual considera a melhor linguagem para estabelecer uma comunicação legítima, pautada pelo diálogo e pela escuta atenta do outro.

Paulo Freire, que teve sua pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e autonomia do educando, características que estiveram presente na prática, no testemunho aos educandos e nas relações com eles.

Este trabalho apresenta como tema a Abordagem Centrada na Pessoa como um instrumento para a Educação Sociocomunitária, instrumento no sentido primário da palavra é um elemento que serve de auxílio para levar a efeito uma ação, ou seja, uma abordagem que leva a pessoa a mover-se em direção ao crescimento, ao autoconhecimento e mudanças de atitudes. Diante do exposto acima é possível assumir como problema de pesquisa o seguinte questionamento: Como a

Abordagem Centrada na Pessoa pode contribuir para a Educação Sociocomunitária?

O objetivo desta pesquisa é analisar a Abordagem Centrada na Pessoa e a implicação dessa abordagem como um instrumento para a educação sócio-comunitária.

A proposta da pesquisa se justifica pelo fato de se tratar de uma abordagem que altera o comportamento do indivíduo, levando este a refletir sobre suas atitudes para assim melhorar sua forma de se relacionar.

Empregamos como Metodologia as técnicas da pesquisa bibliográfica. “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2005, p. 64). A pesquisa bibliográfica tem suas vantagens, entre elas;

Está o fato de que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Como a análise dos documentos, em muitos casos, além da capacidade do pesquisador, exige apenas disponibilidade de tempo, o custo da pesquisa bibliográfica torna-se significativamente baixo quando comparado com o de outras pesquisas. Outra vantagem é não exigir contato com os sujeitos da pesquisa. É sabido que, em muitos casos, o contato com o sujeito é difícil ou até mesmo impossível, ao passo que, em outros, a informação proporcionada pelos sujeitos é prejudicada pelas circunstâncias que envolvem o contato (DIEHL E TATIM, 2004, p. 79).

Para a realização deste estudo foram pesquisados livros do principal autor da Abordagem Centrada na Pessoa; Carl Rogers, bem como livros e artigos científicos de outros influenciadores da abordagem. Também foram pesquisados livros e artigos científicos sobre Dom Bosco e Paulo Freire, os principais influenciadores da Educação Sociocomunitária a fim de estabelecer relações e semelhanças. Como a pesquisa é bibliográfica, os dados que foram objeto de análise são provenientes do próprio material teórico.

Rogers escreveu mais de 20 livros, nesta pesquisa utilizamos cinco, são eles; “Tornar-se Pessoa”, “Um jeito de Ser”, “Grupos de Encontro”, “Terapia centrada no cliente” e “A pessoa como centro”, considerados os mais relevantes para descrever a origem e importância da Abordagem Centrada na Pessoa, bem como sua fundamentação.

Na construção deste estudo, optamos por estrutura-lo em forma de capítulos, sendo o estudo composto por cinco capítulos, conforme apresentamos a seguir:

Capítulo 1- abordamos a história da Abordagem Centrada na Pessoa e os alicerces teóricos a fim de descrever sua origem e a sua fundamentação.

Capítulo 2- abordamos a importância de uma relação de ajuda, considerada por Rogers como fundamental para um melhor funcionamento da vida.

Capítulo 3- abordamos duas das modalidades da Abordagem centrada na Pessoa; os Grupos de Encontro e o Ensino centrado no Aluno, a fim de descrever sua abrangência.

Capítulo 4- abordamos a Educação Sociocomunitária e apresentamos um paralelo entre Rogers e Paulo Freire e entre Rogers e Dom Bosco os principais influenciadores da Educação Sociocomunitária, também algumas definições em comum para os três autores, identificando aspectos semelhantes entre eles.

Capítulo 5- abordamos a Abordagem Centrada na Pessoa: um instrumento para a Educação Sociocomunitária e destacamos alguns pontos que explanam o porquê esta abordagem é importante para a Educação Sociocomunitária.

Considerações Finais- para finalizar este estudo, expusemos neste último tópico nossas considerações finais sobre o trabalho realizado, apresentamos os resultados alcançados, em relação aos objetivos iniciais da pesquisa e por fim, as Referências Bibliográficas.

1 ABORDAGEM CENTRADA DA PESSOA

1.1 Histórico da Abordagem Centrada na Pessoa

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), foi criada pelo psicólogo norte americano Carl Rogers. Nasceu no ano de 1902 em Oak Park, Illinois, EUA.

Rogers fez Agronomia na University of Wisconsin lugar que seu pai estudou. Pretendia tornar-se um fazendeiro para administrar cientificamente a fazenda. Porém no segundo ano de faculdade se deparou com um chamado para o Ministério Cristão, o que o levou a cursar História, pois confiava que este curso poderia fundamentar seu trabalho religioso (SILVA, 2015).

Foi escolhido para um intercambio da “Federação dos Estudantes Cristãos”, em Peking, China. Esta viagem marcou sua vida pelo desenvolvimento espiritual e intelectual. Retornando da China, já adulto, fez um curso por correspondência de “Introdução à Psicologia” onde passou a ler William James. Após isso, ganhou uma bolsa de estudo para seguir o curso de Mestrado no Seminário da União Teológica de Nova York. Quando estava cursando o segundo ano de Mestrado passou a cursar disciplinas na Columbia University, universidade em que foi aceito para o Doutorado em Psicologia Clínica, sendo orientado pela professora Leta Stetter Hollingworth, Ph. D., a qual considerava uma exímia pesquisadora e uma pessoa calorosa.

A Tese de Doutorado de Rogers ocorreu na criação de um teste para avaliar o ajuste de personalidade de crianças de 9 a 13 anos, o qual se tornou um sucesso de venda. Recebeu uma bolsa de trabalho no Instituto of Child Guidance em Rochester, New York em seu último ano do Doutorado (1927-1928), onde foi contratado em seguida (SILVA, 2015).

Foram escritos por Rogers mais de 20 livros e 250 artigos, para conhecer alguns citaremos a seguir uma lista, entre eles: 1- *Rochester Society for the Prevention of Cruelty to Children* (1928 – 1939), livro: *Tratamento clínico da criança-problema* (1939); 2- *Ohio State University* (1939 – 1945), Palestra-marco da criação da TCC (Teoria Centrada no Cliente) na University of Minnesota: 11 de dezembro de 1940, livro: *Psicoterapia e consulta psicológica* (1942); 3- *University of Chicago* (1945 – 1957), livros: *Terapia Centrada no Cliente* (1951) e *Psicoterapia e Mudança de Personalidade* (Rogers & Dymond, 1954); 4- *University of Wisconsin* (1957 –

1963), livros: *A relação terapêutica e o seu impacto* (1959) e *Tornar-se pessoa* (1961); 5- *Western Behavioral Sciences Institute, La Jolla, Califórnia* (1963 –1968); 6- *The Center for Studies of the Person* (1968 – 1987), nesse período cria o seu próprio CSP, livros: *Liberdade de aprender* (1969), *Grupos de encontro* (1970), *Novas formas de amor* (1972), *Sobre o poder pessoal* (1977), *Um jeito de ser* (1980) e *Liberdade de aprender em nossa década* (1983) (ROGERS; RUSSELL, 2002). Rogers morreu em 1987, mesmo ano em que foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz (SILVA, 2015).

A partir da década de 1940 irrompeu com as intenções opostas aos das abordagens teóricas psicológicas de sua época; a abordagem Psicanalítica e a abordagem Comportamental (SILVA, 2015).

Carl Rogers foi a figura do século XX, pois revolucionou o proceder do atendimento psicológico, apresentou algo novo, que foi praticamente contrário a tudo que havia sido experimentado, que se refere essencialmente em acreditar na potencialidade do ser humano, que opera nele como um modo de ser, confiante e irrestrito, que o leva a enfrentar seus problemas da melhor forma possível. Ao envolver-se com esse modo de ser, Rogers trabalhou em grupos, fazendo com que pessoas inimigas e hostis se aproximassem, reunindo até partidários opostos em conflitos internacionais. Ele alterou a maneira de conceber a relação de ajuda e os problemas, mudando o paradigma, trazendo uma contribuição ética, trazendo fins novos ao invés de novos meios (AMATUZZI, 2012).

Segundo Gendlin (1992), Rogers alterou a atuação do terapeuta, que não deveria estabelecer suas interpretações, uma vez que, qualquer pessoa pode ter duas ou mais interpretações das coisas humanas. Retirou a imagem de "bons" terapeutas que viam seus pacientes "doentes" de cima para baixo, deixando de ser o paciente um objeto passivo de "tratamento". Mudou o termo "paciente" para "cliente", aboliu o protótipo médico extraindo o novo termo do campo do Direito, pensando que, o advogado é um especialista e um ponto de apoio ao cliente, e não quem toma decisões na vida dele. Convidou os clientes a irem a fundo em suas próprias experiências, que o terapeuta estaria disposto a ouvir e compartilhar cada nuance de suas experiências. Rogers eliminou o divã, o diagnóstico, a biografia do paciente, as anotações no decorrer das sessões, a distância entre terapeuta/cliente e a

indiferença do terapeuta para com o cliente. Mudou totalmente a concepção de psicólogo e seu proceder, demandando uma imensurável coragem.

Conforme afirma Holanda, (1994), o pensamento de Carl Rogers seguiu sua própria teoria, atualizando-se ininterruptamente, buscando sempre em suas práxis um maior desenvolvimento, evoluçionando até estabelecer fases correspondentes e qualificadas que servissem de parâmetro para a abrangência de sua teoria como um todo.

Ao publicar o livro *Terapia Centrada no Cliente* (1951), Rogers reconhece que os princípios da terapia poderiam ser aplicados a outros campos, ampliando assim sua forma de atuação. Deixa então de pensar na noção de organismo ligado a personalidade refletindo no sistema psicoterapêutico e as relações humanas. Essa ideia foi se aprimorando até que ao escrever o livro intitulado *Tornar-se Pessoa* (1985), foi impactado de tal forma que se viu forçado a abandonar sua visão estreita de que o que dizia interessava exclusivamente a terapeutas. Afirma Rogers:

Pensei que estivesse escrevendo para psicoterapeutas, mas para minha grande surpresa, descobri que estava escrevendo para *peessoas* — enfermeiras, donas-de-casa, pessoas do mundo dos negócios, padres, pastores, professores, jovens — todo tipo de pessoas. O livro, em inglês e em suas várias traduções, já foi lido por milhões de pessoas em todo o mundo. Seu impacto forçou-me a abandonar minha visão estreita, segundo a qual o que tinha a dizer interessava somente a terapeutas. A repercussão desse livro ampliou tanto minha vida como meu pensamento. Acredito que, desde então, está presente em minha obra a compreensão de que aquilo que vale numa relação entre terapeuta e cliente vale também para um casamento, uma família, uma escola, uma administração, uma relação entre culturas ou países (ROGERS, 1983, p. 3).

Conforme Moreira (2010), Rogers afirma que ele mesmo sorri quando pensa nos diversos títulos que deu a esse tema no transcorrer de sua carreira, aconselhamento não-diretivo, terapia centrada no cliente, ensino centrado no aluno, liderança centrada no grupo. Devido os campos de aplicação crescerem em variedade e número, o título *Abordagem Centrada na Pessoa* pareceu-lhe ser o mais apropriado.

Os estudos sobre a *Abordagem Centrada na pessoa* ocorreram no período de 1977 a 1987, depois de passar por três fases, Rogers expandiu os efeitos de sua abordagem no Centro de Estudos da Pessoa, e passou a considerá-la não somente

uma dimensão das relações inter-humanas, mas do mesmo modo um sistema complexo de vida que abrange dimensões não humanas. Branco (2010) enfatiza que fica visível nessa fase a transição de Rogers de uma perspectiva funcionalista para uma perspectiva sistêmica. Nas palavras de Rogers:

Uma abordagem centrada na pessoa baseia-se na premissa de que o ser humano é basicamente um organismo digno de confiança, capaz de avaliar a situação externa e interna, compreendendo a si mesmo no seu contexto, fazendo escolhas construtivas quanto aos próximos passos na vida e agindo a partir dessas escolhas (ROGERS, 1977, p. 23).

O eixo principal da Abordagem Centrada na Pessoa conforme afirma Rogers passa a ser a analogia do organismo com as noções de tendência atualizante¹ e tendência formativa², como um jeito de ser que compõe a vida (BRANCO, 2010).

1.2 Tendência Atualizante

A Abordagem Centrada na Pessoa tem como base a confiança em todos os organismos e seres humanos, segundo Rogers (1983) essa afirmação é advinda da prática, teoria e pesquisa, bem como de outras disciplinas. Pode-se dizer que há um fluxo subjacente em cada organismo que movimenta em direção à efetivação construtiva das probabilidades que lhe são próprias, independentemente do nível.

Segundo o autor, todo ser humano tem uma tendência natural para se desenvolver mais completamente e mais complexamente. Esse processo presente em todos os organismos vivos é chamado de tendência atualizante.

Quer se diga de uma flor, carvalho, minhoca, pássaro, maçã ou de uma pessoa, se trata de um procedimento ativo da vida e não passivo, seja o ambiente favorável ou não, quer o estímulo venha de fora ou de dentro, em alguma dessas condições, o comportamento de um organismo sempre estará voltado para o seu crescimento, para sua manutenção e para sua reprodução.

¹ Tendência Atualizante- expressão usada para designar o processo de crescimento presente em todos os organismos vivos (Rogers 1983).

² Tendência Formativa- expressão usada para designar o processo de crescimento presente no universo como um todo (Rogers, 1983).

Essa tendência atua em todos os momentos, própria da natureza e processo chamado Vida. É evidente também, que essa tendência realizadora poderá ser frustrada ou desvirtuada, porém ao ser destruída, conseqüentemente também destruirá o organismo. Vejamos uma ilustração dessa tendência descrita por Rogers (1983, p. 40) em um episódio vivido em sua infância;

A caixa em que armazenávamos nosso suprimento de batatas para o inverno era guardada no porão, vários pés abaixo de uma pequena janela. As condições eram desfavoráveis, mas as batatas começavam a germinar — eram brotos pálidos e brancos, tão diferentes dos rebentos verdes e saudáveis que as batatas produziam quando plantadas na terra, durante a primavera. Mas esses brotos tristes e esguios cresceram dois ou três pés em busca da luz distante da janela. Em seu crescimento bizarro e vão, esses brotos eram uma expressão desesperada da tendência direcional de que estou falando. Nunca seriam plantas, nunca amadureceriam, nunca realizariam seu verdadeiro potencial. Mas sob as mais adversas circunstâncias, estavam tentando ser uma planta.

Rogers (1983) retrata que ao trabalhar com clientes que tiveram suas vidas pessimamente desvirtuadas, sempre lhe veio à lembrança esses brotos de batatas, embora essas pessoas terem se desenvolvido em condições desfavoráveis ao ponto de suas vidas parecerem (quase sempre) distorcidas, anormais e desumanas, a tendência realizadora estava lá presente naquelas pessoas.

A luta empenhada no crescimento e no ser é a chave para compreender seus comportamentos, valendo-se dos recursos que confiam ser os disponíveis. Rogers (1983, p. 41) afirma que; “os resultados podem até ser considerados inúteis e bizarros para as pessoas saudáveis, mas são uma tentativa desesperada da vida para existir”. Destaca Rogers que:

Os organismos estão sempre em busca de algo, sempre mirando algo, sempre “prontos para alguma coisa”. Há uma fonte central de energia no organismo humano. Essa fonte é uma função do sistema como um todo, e não de uma parte dele. A maneira mais simples de conceituá-la é como uma tendência à plenitude, à auto-realização³, que abrange não só a manutenção, mas também o crescimento do organismo (ROGERS, 1983, p. 45).

³ Tendência à plenitude e à auto-realização, são expressões usadas para indicar a tendência atualizante.

Segundo Rogers, havia um significado dizer que a base de toda a motivação é a tendência à auto-realização, essa tendência pode ser expressa por uma cadeia de comportamentos em resposta a uma multiplicidade de necessidades. Para segurança, é necessário mesmo que minimamente, algumas necessidades básicas serem atendidas antes que outras venham se tornar urgentes.

Essa busca do organismo por realização resultará em comportamentos como: necessidade de explorar e causar modificações no ambiente, necessidade de se auto-explorar, necessidade de brincar, entre outros. A esses comportamentos e muitos outros, Rogers diz serem as expressões da tendência à auto-realização (ROGERS, 1983).

A tendência atualizante é definida como uma tendência intrínseca do ser humano de se desenvolver potencialmente de modo favorável para seu desenvolvimento e sua conservação (CURY, 1993).

1.3 Tendência formativa

Rogers insere essa tendência direcional inerente ao ser humano (tendência atualizante) num contexto mais extenso, para isso, recorreu a trabalhos e ideias de outros autores em outras disciplinas. Assegura que aprendeu com muitos colegas cientistas, mas menciona especificamente os trabalhos do biólogo Albert Szent-Gyorgyi e do historiador Lancelot Whyte e conclui: “Minha tese principal é a seguinte: parece existir no universo uma tendência formativa que pode ser observada em qualquer nível” (ROGERS, 1983, p. 45).

Na opinião de Rogers essa tendência vinha ganhando uma atenção desmerecida, pois até aquele ponto, tinha-se focado sobretudo na entropia (tendência para a deterioração ou para a desordem). Existiam amplos conhecimentos sobre isso, ao serem estudados sistemas fechados as descrições matemáticas foram precisas, a tendência da ordem é degenerar-se no acaso, ou seja, cada estágio vai se organizando menos que o antecedente. Deste modo, Rogers descreve bem a degradação da vida orgânica,

O sistema — seja ele uma planta, um animal ou um homem — degenera-se com o passar do tempo, passando por graus de

organização funcional ou ordem cada vez menores, até o momento em que a decadência atinge um estado de êxtase. De certa maneira, nisso se resume todo um aspecto da Medicina — no estudo do mal funcionamento ou degeneração de um órgão ou de todo o organismo. A compreensão do complexo processo da morte física é cada vez maior. Assim, sabe-se muito sobre a tendência universal de todo sistema a se degenerar em direção a um estado cada vez mais desordenado, cada vez mais caótico. O funcionamento deste sistema é como uma rua de mão única: o mundo é visto como uma grande máquina, que vai reduzindo a marcha e se desgastando (ROGERS, 1983, p. 46).

Mas Rogers (1983) considera a tendência formativa bem mais importante, e afirma que ela pode ser observada em qualquer superfície do universo, no entanto, é bem menos enfatizada e reconhecida. Segundo Rogers (1983), todo formato que observamos ou reconhecemos passou a existir a partir de outro mais simples e menos complexo, o que torna esse fenômeno expressivo tão quanto a entropia. Existem exemplos que foram retirados da vida orgânica e da inorgânica sobre os quais Rogers menciona alguns:

Na atmosfera de nosso sistema solar, núcleos de hidrogênio se chocam para formar moléculas de hélio, mais complexas em sua estrutura. [...] o hidrogênio, o oxigênio e o nitrogênio, sob a forma de água e de amônia — são infundidos por cargas elétricas ou por radiação, começam a se formar moléculas mais pesadas, seguidas dos aminoácidos mais complexos. [...] A formação de cristais é um outro exemplo fascinante. [...]. Todos nós nos maravilhamos com a perfeição e a complexidade de um floco de neve. E, no entanto, ele se originou dum vapor informe. Talvez, para muitos de nós, o processo da evolução orgânica seja melhor compreendido se tomarmos o desenvolvimento do óvulo humano fertilizado. Este se inicia nos estágios mais simples de divisão celular, passa ao estágio aquático do girino e chega ao bebê humano, complexo e extremamente organizado. Portanto, sem ignorar a tendência para a deterioração, precisamos tomar conhecimento da existência do que Szent-Gyorgyi chamou de “sintropia”, e que Whyte chamou de “tendência mórfica”: a tendência sempre atuante em direção a uma ordem crescente e a uma complexidade inter-relacionada, visível tanto no nível inorgânico como no orgânico. O universo está em constante construção e criação, assim como em deterioração. Este processo também é evidente no ser humano (ROGERS, 1983, p. 47).

Conforme Castelo Branco (2010), a tendência formativa diz respeito a uma orientação evolutiva e direcional existente no universo, que caminha de forma

crescente para uma maior ordem de complexidade e inter-relação, transcorrendo todos elementos orgânicos, inorgânicos bem como anorgânicos⁴.

Por meio da tendência formativa pode-se expressar a vida, de modo a tecer e criar formas e atividades de modo a fomentar novas performances de uma série de elementos complexos.

Rogers passa a formular esse aspecto de forma mais extensa a partir do momento que reconhece que já temos ciência de que os organismos se tornam cada vez mais complexos, embora nem sempre obtenham sucesso ao se adaptarem a um ambiente que vive em constante modificação, entretanto é sempre evidente a tendência à complexidade⁵. Conforme Rogers;

Estamos descobrindo uma tendência que permeia toda a vida orgânica – uma tendência para se tornar toda a complexidade de que o organismo é capaz. Em uma escala ainda maior, creio que estamos sintonizando uma tendência criativa poderosa, que deu origem ao nosso universo, desde o menor floco de neve até a maior galáxia, da modesta ameba até a mais sensível e bem-dotada das pessoas [...]. No meu entender, este tipo de formulação é o princípio filosófico fundamental de uma abordagem centrada na pessoa. Ela justifica meu engajamento com um modo de ser que ratifica a vida (ROGERS, 1983, p.49-50).

Ainda conforme Castelo Branco (2008), ao adentrar o campo da Tendência Formativa, Rogers afirmou que não se tratava apenas de psicoterapia, se tratava agora de um novo olhar, um jeito de ver a vida, um jeito de ser, aplicável a qualquer circunstância, em que uma pessoa, um grupo ou uma comunidade tenha por objetivo o crescimento.

Portanto afirma o autor, a teoria, a prática e a pesquisa esclarecem que a abordagem centrada na pessoa fundamenta-se na confiança em todos organismos e seres humanos. Podemos então dizer que, não importa em que condição esteja cada organismo, ele se moverá em direção a realizar-se construtivamente a partir das suas próprias possibilidades, ou seja, irá se desenvolver.

Nessa complexidade de diálogo entre organismo e vida, Rogers afirma que no relacionamento do organismo com a tendência formativa a consciência desempenha um papel essencial, pois ao que parece, existe uma progressão do organismo

⁴ Gravidade, magnetismo, raios solares e luzes lunares, por exemplo.

⁵ Tendência a uma evolução sempre maior.

humano rumo a um pleno desenvolvimento da consciência, que se distende cada vez mais (Castelo Branco,2008).

Esse nível de desenvolvimento conforme afirma Castelo Branco (2010), proporciona o surgimento de inovações e novas direções para a humanidade, é nesse domínio que as preferências são exercitadas e a criatividade nasce espontaneamente. Aqui estamos perante as funções humanas mais desenvolvidas.

Nossa consciência exerce nessa função formativa um pequeno papel, contudo extremamente importante. Rogers (1983) afirma que se trata da capacidade de se prestar uma atenção consciente, isso parece ser uma das etapas evolutivas mais atualizada da natureza humana. Pode-se caracterizar essa capacidade como um mínimo pico de consciência, da capacidade de simbolizar, no alto de uma extensa pirâmide de desenvolvimento inconsciente do organismo.

Pensando a tendência formativa, Castelo Branco (2010) descreve que:

(a) Em qualquer direcionamento auto-regulatório do organismo existe, a possibilidade de ele se realizar de seus recursos e potencialidades, no entanto, uma autorealização que segue o direcionamento de uma Auto-regulação Real está mais alinhada ao direcionamento construtivo e favorecedor da tendência à realização, por sua vez alinhada aos processos formativos, que incluem os elementos orgânicos, inorgânicos e anorgânicos. Esse alinhamento presentifica uma retificação da vida e da criação de formas de manifestações desses elementos, nas dimensões da personalidade, das relações humanas e da natureza. (b) Na relação complexa dos reinos do eu (*self*), da inter-relação e da natureza, o organismo e a personalidade não estão funcionando sozinhos, pois estão sendo afetados e afetando toda uma rede complexa de vida, a todo o momento (CASTELO BRANCO, 2010, p. 66).

Numa perspectiva individual, o organismo atua de acordo com as suas autoregulações vinculadas a uma personalidade estabelecida por um eu (*self*). Já numa perspectiva aberta às relações humanas, há uma relação entre o organismo e outras personalidades juntamente com todo um circuito organísmico, que exerce influência sobre as atividades coletivas, políticas e a auto-realização dos que estão entrelaçados com a tendência à realização, seja em harmonia ou desarmonia.

Enfim, de um ponto de vista mais amplo, o relacionamento do organismo se dá por meio da tendência formativa, “com toda uma rede de ecocomunidades de organismos orgânicos e inorgânicos, os quais sempre estão interagindo em um

sistema complexo que envolve também influências anorgânicas” (CASTELO BRANCO, 2010, p. 66).

Ainda Castelo Branco (2010), dá um exemplo da relação entre essas três perspectivas (elementos orgânicos, inorgânicos e anorgânicos), que ocorreu por meio de um terremoto ocorrido no Haiti, em janeiro de 2010;

Energias telúricas que envolvem gravidade e magnetismo (elementos anorgânicos) foram liberadas sob a Terra (elemento inorgânico) de Porto Príncipe (organização política e coletiva), afetando a vida de milhares de habitantes (elementos orgânicos) que se organizavam nesse lugar. Mais ainda, o fato causou uma comoção que transcendeu os limites geopolíticos desse sistema, de forma a afetar e mobilizar outras pessoas ao redor do Planeta (CASTELO BRANCO, 2010, p.66).

Um outro exemplo também em janeiro de 2010, se deu num desabamento de terra ocorrido em Angra dos Reis.

Diversas casas construídas sobre um morro foram destruídas, matando dezenas de pessoas e gerando toda uma mobilização e comoção nacionais. Foi atestado o fato de que algumas casas estavam assentadas de forma irregular em um terreno inapropriado, mas belíssimo. Ora, a apropriação humana (regida pela autorregulação da personalidade) acredita poder construir moradias de aluguel em um morro com acesso para o mar (uma manifestação impactante de uma expressão formativa da natureza sobre o homem que a toma como bela), gerando uma rede de trânsito de pessoas nessa região que foi tomada como um polo turístico (relações humanas e políticas). Mesmo com as devidas providências, contudo, as manifestações humanas não conseguiram controlar as manifestações formativas da natureza, expressas em chuvas (ciclos hídricos e térmicos) em contato com a terra (ciclos geoquímicos) (CASTELO BRANCO, 2010, p. 67).

Em resumo, o organismo não é somente um lugar isolado dos fenômenos humanos, quer seja fisiológico quer seja simbólico, também não é apenas de uma totalidade relacional ligada a outros organismos e sistemas vivos, mas sim, o organismo se conecta a uma trama de elementos orgânicos, inorgânicos e anorgânicos (CASTELO BRANCO, 2010).

Por conseguinte, é nessa via de fundamentação que Rogers confiou no potencial humano do indivíduo para crescer, constituir relações plenas e criar

experiências intensas de mudança, percepção e interconexão com o mundo. Através de um viés organísmico, o ser humano tem a capacidade “de transcender e ter contato com outras manifestações de vida para adentrar um nível mais profundo e integrado de compreensão do universo” (CASTELO BRANCO, 2010, p. 68).

Da hipótese geral de Rogers, ou seja, da fundamentação de sua abordagem, em que “o indivíduo descobrirá dentro de si a capacidade de utilizar essa relação para crescer” (ROGERS, 1985, p. 40), Rogers define gradativamente o que sua experiência o levou a concluir; “que o indivíduo traz dentro de si a capacidade e a tendência, latente se não evidente, para caminhar rumo à maturidade (ROGERS, 1985, p. 40). Em um ambiente apropriado, essa tendência⁶ é liberada, tornando-se autêntica, isso se manifesta na capacidade do indivíduo permitindo-lhe uma melhor compreensão dos aspectos vividos e de si mesmo que estão ocasionando dor e descontentamento. Uma compreensão para além do conhecimento consciente de si, que busca experiências que foram escondidas devido à própria natureza atemorizante. Segundo Rogers (1985);

Isso se revela na tendência para reorganizar sua personalidade e sua relação com a vida em maneiras que são tidas como mais maduras. Seja chamando a isto uma tendência ao crescimento, uma propensão rumo à auto-realização ou uma tendência direcionada para frente, esta constitui a mola principal da vida, e é, em última análise, a tendência de que toda a psicoterapia depende. É a necessidade que se faz evidente em toda a vida orgânica e humana —de expandir, estender, tornar-se autônoma, desenvolver, amadurecer —a tendência de expressar e ativar todas as capacidades do organismo, ao ponto em que tal ativação aprimore o organismo ou a pessoa (ROGERS, 1985, p. 40).

De acordo com Rogers (1985), essa tendência pode densamente se ocultar debaixo das camadas de defesas psicológicas cravejadas que se sobressaem, podendo até se ocultar por trás de frentes sofisticadas que recusam sua existência; todavia, Rogers sustenta que essa tendência é existente em todo indivíduo, e espera unicamente pelas condições adequadas para ser liberada e expressa.

Portanto, Rogers (1983) destaca essas duas tendências que apresentaram cada vez mais grande importância em seu pensamento à medida em que se aprofundava em suas experiências, a tendência atualizante (particularidade da vida

⁶ Tendência atualizante

orgânica) e tendência formativa, (particularidade do universo como um todo). Juntas e atreladas, estabelecem a pedra fundamental da abordagem centrada na pessoa.

1.4 Atitudes facilitadoras do crescimento

A hipótese central da abordagem centrada na pessoa, segundo Rogers (1983), pode ser esclarecida em poucas palavras: está fundamentada no fato de que o ser humano possui dentro de si condições para se compreender e modificar seus autoconceitos, suas atitudes e comportamento autônomo (tendência atualizante). Esses elementos poderão ser ativados a partir de um clima favorável e passível de significado, proporcionado pelas atitudes facilitadoras.

Existem três atitudes que necessitam estar presentes para proporcionar esse clima agenciador do crescimento, quer se trate das relações entre terapeuta e cliente, pais e filhos, professor e aluno, administrador e staff ou líder e grupo. Essas atitudes se aplicam, na realidade, a qualquer situação na qual o objetivo seja o desenvolvimento da pessoa.

Conforme Rogers (1983), o primeiro elemento que compõe as atitudes facilitadoras é chamado de *autenticidade, sinceridade ou congruência*. Constitui em o terapeuta vivenciar claramente seus sentimentos e suas atitudes que estão fluindo naquele momento. Em uma relação com o outro, quanto mais o terapeuta for ele mesmo, quanto mais se romper as barreiras pessoais ou profissionais, haverá maior chance de que o cliente se modifique e se desenvolva de um jeito construtivo.

Rogers usa aqui o termo “transparente” para expressar de forma intensa a essência dessa condição, é o terapeuta se fazer transparente para o cliente, assim:

O cliente pode ver claramente o que o terapeuta é na relação: o cliente não se defronta com qualquer resistência por parte do terapeuta. Do mesmo modo que para o terapeuta, o que o cliente ou a cliente vive pode se tornar consciente, pode ser vivido na relação e pode ser comunicado se for conveniente. Portanto, dá-se uma grande correspondência, ou congruência, entre o que está sendo vivido em nível profundo, o que está presente na consciência e o que está sendo expresso pelo cliente (ROGERS, 1983, p.58)

Rogers (1983) afirma que ser autêntico faz com que essa relação seja útil para o outro, é o terapeuta estar consciente de seus próprios sentimentos, sem apresentar uma atitude de fachada externa, e manter ao mesmo tempo uma outra atitude num grau mais intenso ou inconsciente. Ser autêntico também é o terapeuta estar disposto para ser e expressar palavras, comportamento e diversos sentimentos e atitudes que existem nele, pois para Rogers, somente desse modo o relacionamento poderá ser real, e coloca que ser real é fortemente importante, é a principal condição. Apresentar uma realidade autêntica de si mesmo, possibilitará à outra pessoa buscar pela própria realidade com efeito, mesmo que as atitudes reais percebidas não sejam úteis a uma boa relação.

Em suas experiências, Rogers considerou extremamente importante e gratificante ser autêntico e chegar próximo do que quer que esteja ocorrendo interiormente, afirma que embora tenha apreciado o fato de ouvir a si próprio não é uma tarefa simples, mas se esforçou em fazê-lo, pois a partir disso sua capacidade se aperfeiçoou. Se convenceu de que essa é uma tarefa que vale para toda a vida, e que ninguém jamais estará completamente apto a entrar em contato, sem que seja com dificuldades, pois ocorre na profundidade de nossa própria experiência (ROGERS, 1983)

O comportamento congruente indica harmonia e interação entre os níveis experiência, consciência e comunicação, que unifica a pessoa (VILLAR, 2010).

Para Rogers (1983), o segundo elemento importante que compõe as atitudes facilitadoras na criação de um ambiente que promova a mudança é chamado de *aceitação incondicional*. Constitui em o terapeuta ter uma atitude positiva, aceitadora, em relação ao que quer que o cliente seja naquele momento. Para que ocorra a mudança no cliente ou mesmo um movimento terapêutico, o terapeuta precisa adotar uma atitude positiva e aceitadora aos sentimentos do cliente. Seja qual for o sentimento do cliente, ressentimento, raiva, confusão, medo, orgulho, coragem ou amor, o terapeuta almeja que o cliente comunique nesse momento. É necessário que o terapeuta tenha um apreço incondicional e não condicional pelo cliente. Assim,

[...] quanto mais aceitação e apreço sinto com relação a esse indivíduo, mais estarei criando uma relação que ele poderá utilizar. Por aceitação, quero dizer uma consideração afetuosa por ele

enquanto uma pessoa de autovalia incondicional — de valor, independente de sua condição, de seu comportamento ou de seus sentimentos. Significa um respeito e apreço por ele como uma pessoa separada, um desejo de que ele possua seus próprios sentimentos à sua própria maneira. Significa uma aceitação de suas atitudes no momento ou consideração pelas mesmas, independente de quão negativas ou positivas elas sejam, ou de quanto elas possam contradizer outras atitudes que ele sustinha no passado. Essa aceitação de cada aspecto flutuante desta outra pessoa constitui para ela uma relação de afeição e segurança, e a segurança de ser querido e prezado como uma pessoa parece ser um elemento sumamente importante em uma relação de ajuda (ROGERS, 1985, p. 38).

Rogers (1985) enfatiza que qualquer pessoa que tenha um objetivo de promover o desenvolvimento em outra pessoa, seja um professor, um pai, um terapeuta, perceberá intensamente que o indivíduo possui um valor exclusivo e original, independente de sua condição presente ou sua conduta, favorecerá a capacidade criadora.

Essa atitude somente poderá ser verdadeira quando o professor, o pai, etc., apreender o potencial do indivíduo e tiver a capacidade de acreditar incondicionalmente nele, independente de sua condição.

A implicação dessa atitude no indivíduo que a percebe, é que ele venha se sentir num ambiente seguro, ele percebe gradativamente que pode ser realmente aquilo que é, sem fachada e sem disfarce, pois se sente valorizado independente do que faça. Descobre o que significa ser ele mesmo, vive com menos rigor, tentando atingir a realização de maneira espontânea, caminhando para a criatividade (ROGERS, 1985).

Rogers aponta que quando a pessoa se sente aceita ao invés de criticada, se sente livre para ser ela mesma, sem apresentar nenhuma defesa, gradativamente passa a viver a sua própria realidade, mesmo aquelas adversas como sentimentos hostis, ambíguos, impulsos, padrões infantis (ALMEIDA, 2009).

Rogers confia que se uma pessoa se sente aceita, inteiramente aceita, sem nenhum julgamento, mas sente exclusivamente compaixão e solidariedade, essa pessoa estará apta a viver consigo mesma, desenvolverá ânimo para abdicar de suas justificações e enfrentar seu eu verdadeiro (ROGERS, 1985).

Aceitação incondicional é aceitar a pessoa sem julgamentos, despir-se de seu self e proporcionar a ela uma liberdade experiencial, aceitando-a com suas escolhas

e pensamentos diferentes dos seus, independente dos seus valores morais. É a maneira ideal de perceber e aceitar o outro, aceitar e se interessar pelo ser do outro (VILLAR, 2010). Resumidamente pode-se dizer que, se as pessoas são aceitas e consideradas, elas desenvolvem uma atitude de máxima consideração por si mesmas (ROGERS, 1983).

Segundo Rogers (1983), o terceiro elemento que compõe as atitudes facilitadoras é a *compreensão empática*. Constitui em o terapeuta captar com exatidão os anseios e as significações subjetivas que o cliente está vivenciando e transmitir o que apreendeu ao cliente.

Quando o terapeuta está em sua melhor forma pode adentrar tão intimamente no mundo interior do cliente e esclarecer o sentido daquilo que está na sua consciência e até mesmo o que se encontra abaixo do seu estado de consciência. Uma escuta intensa e afetuosa é muito incomum na vida das pessoas, pois é muito raro quando alguém nos ouve e nos compreende autenticamente de maneira empática. Essa atitude específica de ouvir o outro, é uma das forças mais poderosas e impulsivas em favor do crescimento (ROGERS, 1983), assim:

A relação é significativa na medida em que sinto um desejo contínuo de compreender — uma empatia sensível com cada um dos sentimentos e comunicações do cliente como estes lhe parecem no momento. Aceitação não significa muito até que esta envolva a compreensão. É somente à medida que *compreendo* os sentimentos e pensamentos que parecem tão terríveis para você, ou tão fracos, ou tão sentimentais, ou tão bizarros — é somente quando eu os vejo como você os vê, e os aceito como a você, que você se sente realmente livre para explorar todos os cantos recônditos e fendas assustadoras de sua experiência interior e freqüentemente enterrada (ROGERS, 1985, p. 38 e 39).

A relação que Rogers (1985) considera favorável é marcada por um tipo de transparência por parte do terapeuta, seus reais sentimentos evidenciam uma aceitação dessa outra pessoa, uma pessoa destacada por um valor merecido, e que foi compreendida de um modo profundamente empático.

Isso permite ao terapeuta ver o mundo particular do cliente através de seus olhos, permitindo também que este se torne uma companhia para seu cliente, seguindo-o nessa busca atemorizante de si mesmo, deixando-o livre para introduzir-se.

Rogers afirma que nem sempre o terapeuta será capaz de conseguir esse tipo de relacionamento com o cliente, e em algumas ocasiões, mesmo que ele considere ter alcançado, a outra pessoa poderá estar tão espantada que não perceberá o que está lhe sendo assegurado.

Quando essa atitude é sustentada pelo terapeuta, e quando a outra pessoa pode vivenciar até certo nível essas atitudes “a mudança e o desenvolvimento pessoal construtivo ocorrerão *invariavelmente*” (ROGERS, 1985, p. 39). Rogers diz incluir a palavra invariavelmente somente depois de longa e cautelosa consideração.

Compreensão empática é adentrar ao mundo do outro como se esse mundo fosse seu, mas conservando a característica do *como se*.

É estar sensível até o ponto de enxergar atravessadamente dos olhos de outrem, para se movimentar em direção ao universo de seus sentimentos, sentindo como ele sente, não só entendendo os significados aplainados na superfície, como os implícitos mais profundos (VILLAR, 2010).

É relevante mencionar que Rogers assumiu o título Abordagem Centrada na Pessoa ao perceber que se tratava de qualquer relacionamento de desenvolvimento humano e não apenas terapeuta/cliente. Foi nessa fase que em meio às diferentes inscrições sobre compreensão empática e empatia que escreveu o artigo “Uma maneira negligenciada de ser: a maneira empática”, em que afirma que é necessário dar maior importância à resposta empática e olhar a empatia com um novo olhar. Passou a considerar a empatia quem sabe como um aspecto mais proeminente em um relacionamento, um dos aspectos de maior importância para que mudanças e aprendizagens sejam promovidas (FONTGALLAND E MOREIRA, 2012).

Segundo Fontgalland e Moreira (2012), Rogers defendeu a questão de repensar a maneira empática, avaliando-a como uma maneira especial de ser. Considerou uma maneira perspicaz e prestigiosa no desempenho pessoal, porém difícil de encontrá-la inteiramente em um relacionamento interpessoal. Formulou então uma definição mais atualizada de empatia, em que não se teria mais uma visão definitiva de uma condição, mas agora vista como um processo.

Esse processo não se trata de um estado, mas de um movimento no qual o processo quando instaurado é questionado, flexibilizado e transformado pela própria estrutura (FONTGALLAND E MOREIRA, 2012). O novo modo de perceber a empatia dá origem ao surgimento de uma nova conceituação, em que empatia:

Significa penetrar no mundo perceptual do outro e sentir-se totalmente à vontade dentro dele. Requer sensibilidade constante para com as mudanças que se verificam nesta pessoa em relação aos significados que ela percebe, ao medo, à raiva, à ternura, à confusão ou ao que quer que ele/ela esteja vivenciando. Significa viver temporariamente sua vida, mover-se delicadamente dentro dela sem julgar, perceber os significados que ele/ela quase não percebe, tudo isto sem tentar revelar sentimentos dos quais a pessoa não tem consciência, pois isto poderia ser muito ameaçador. Implica em transmitir a maneira como você sente o mundo dele/dela à medida que examina sem viés e sem medo os aspectos que a pessoa teme. Significa frequentemente avaliar com ele/ela a precisão do que sentimos e nos guiarmos pelas respostas obtidas. Passamos a ser um companheiro confiante dessa pessoa em seu mundo interior. Mostrando os possíveis significados presentes no fluxo de suas vivências, ajudamos a pessoa a focalizar esta modalidade útil de ponto de referência, a vivenciar os significados de forma mais plena e a progredir nesta vivência. Estar com o outro desta maneira significa deixar de lado, neste momento, nossos próprios pontos de vista e valores, para entrar no mundo do outro sem preconceitos; num certo sentido, significa pôr de lado nosso próprio eu (ROGERS, 1977, p.73).

Em suas experiências, quando os membros de seus grupos se mostravam interessados e preocupados amplamente uns pelos outros, Rogers se sentia orgulhoso, pois esse clima facilitador desenvolvia nos jovens e nos idosos um comportamento responsável. Essa abertura interessada ao outro significava que, ele necessita simplesmente ser ouvido, sua raiva e seus sentimentos precisam ser levados com seriedade, compreendidos empaticamente (FONTGALLAND E MOREIRA, 2012).

Rogers destacou a importância de ouvir uma pessoa atentamente, ouvir suas experiências e perspectivas pessoais, essa escuta;

Deve ser uma escuta atenta e não-avaliativa, pois é necessário que a pessoa não fique julgando ou tentando assumir a responsabilidade pela outra, é preciso ouvir de forma empática, sensível e concentrada. Trata-se de escutar os pensamentos, o significado pessoal dos sentimentos, do que está por trás da consciência, mesmo que seja um grito humano profundo. Esse ouvir o significado real existe de três formas: o terapeuta ouvir a si mesmo, o terapeuta ouvir ao cliente e o cliente ouvir a si mesmo. Esse ouvir provoca muitas mudanças significativas, tanto em terapia individual, quanto nas experiências intensivas de grupo, pois os indivíduos passam, gradualmente, a ouvir uns aos outros (FONTGALLAND E MOREIRA, 2012, p. 48).

É fundamental ouvir à pessoa de forma interessada e não-avaliativa, esse aspecto é muito poderoso, pois através dele pode-se estabelecerem um relacionamento uma elevada harmonia. Ao ser compreendida a pessoa desenvolve sua identidade, a empatia comprova isso, de que a pessoa é um ser existente que possui uma identidade, um valor único.

A pessoa começa a perceber uma nova feição de si mesma, e assim, passa a modificar seu comportamento a fim de corresponder o que acaba de entender, passando a ser autora de seu desenvolvimento. Ser compreendido na relação proporciona à pessoa tomar posse de si mesma (FONTGALLAND E MOREIRA, 2012).

Permite também que, nos relacionamentos grupais os sentimentos sejam expressos, entendidos e esclarecidos pelos integrantes do grupo. Sentimentos são expressos através de um diálogo aberto, em que, sentimentos e atitudes são considerados importantes independente de sua intensidade.

Assim como quando são ouvidas de maneira empática, se permitem ouvir mais atenciosamente o curso de suas experiências interiores, pois logo que se compreendem e se apreciam interiormente, se tornam mais autênticas consigo mesmas e conseqüentemente mais verdadeiras em suas experiências (ROGERS, 1983).

Conforme afirmam Fontgalland e Moreira (2012), as atitudes apresentadas por Rogers são interdependentes e inseparáveis, pois a compreensão empática se manifesta como uma condução de comunicação da consideração positiva incondicional. E também a congruência está inteiramente conectada à compreensão empática, que corresponde a que, quanto mais transparente e verdadeiro for o terapeuta, mais intensa será a empatia na sua relação com o cliente.

As atitudes facilitadoras evidentemente podem designar um ambiente que possibilite uma expressão aberta, essa expressão leva à comunicação e comumente à compreensão, que derruba velhos obstáculos na vida da pessoa.

No próximo capítulo abordamos sobre a importância de uma relação de ajuda, Rogers deu muita importância para esse tipo de relação e destacou nela um elemento fundamental, a escuta atenta ao outro, que é indispensável para o bom funcionamento de qualquer relação.

2 A IMPORTÂNCIA DE UMA RELAÇÃO DE AJUDA

Rogers (1985) afirma, que estar frente a frente com uma pessoa que espera uma ajuda foi para ele um de seus grandes desafios. Aproximadamente vinte e cinco anos de sua vida passou tentando responder a esses desafios. Isso o fez recorrer a inúmeros recursos, demasiados para serem citados, que para ele resultou num aprendizado significativo e ininterrupto, pois partia de suas próprias experiências.

Esses desafios o levaram a se perguntar: “Como posso tratar ou curar, ou mudar essa pessoa? (ROGERS, 1985, p. 37). Ou: “Como posso proporcionar uma relação que essa pessoa possa utilizar para seu próprio crescimento pessoal? ” (ROGERS, 1985, p. 37). Esses questionamentos resultaram para ele em uma mudança de pensamento e o fez perceber que o aprendizado que obteve seria aplicável a todas às suas relações humanas, não somente ao trabalho com os clientes e seus problemas. Por essa razão sentia ser possível que os aprendizados que apresentaram sentido para ele em sua experiência poderiam ter algum sentido para as pessoas em suas experiências, já que todos nos encontramos entrelaçados em relações humanas.

A partir disso, Rogers enuncia em hipótese geral uma sentença: “Se posso proporcionar um certo tipo de relação, a outra pessoa descobrirá dentro de si a capacidade de utilizar esta relação para crescer, e mudança e desenvolvimento pessoal ocorrerão” (ROGERS, 1985, p. 37).

Para Rogers (1985), o importante em suas pesquisas não é o simples fato de evidência no que diz respeito à eficácia de uma forma de psicoterapia, embora seja relevante, mas o mérito decorre do fato dessas descobertas justificarem uma teoria que abrange a todas as relações humanas.

Existem motivos para se entender que a relação terapêutica compõe apenas um padrão de relações humanas, e que a mesma vale a todas as relações. Desse modo Rogers dizia ser pertinente presumir que se os pais criassem seus filhos num ambiente psicológico do tipo que ele apresentou, a criança se tornaria mais autodirigida, socializada e madura.

O mesmo também aconteceria com o professor em relação aos alunos, estabelecer essa relação com a classe, proporcionaria ao aluno se tornar mais

ativado, mais original, mais auto- disciplinado, menos ansioso e direcionado pelos outros. Assim também o líder militar ou industrial, o administrador, estabelecer esse clima dentro de sua organização, proporcionaria à sua equipe mais criatividade, mais aptidão, mais responsabilidade, adaptação a novos problemas, e essencialmente mais colaboração.

Rogers afirmou nesse tempo estar testemunhando a emergência de um novo campo das relações humanas, especificamente, a existência de tais condições de atitude, ocorreria determinadas mudanças (ROGERS, 1985).

Chegou a essa conclusão após amparar pessoas perturbadas, infelizes e/ou mal ajustadas, formulou algo que passou a ganhar sentido para ele não só em suas relações com clientes perturbados, mas em todas as relações humanas. Assim concluiu:

Se eu posso criar uma relação caracterizada da minha parte: por uma autenticidade e transparência, em que eu sou meus sentimentos reais; por uma aceitação afetuosa e apreço pela outra pessoa como um indivíduo separado; por uma capacidade sensível de ver seu mundo e a ele como ele os vê; Então o outro indivíduo na relação: experienciará e compreenderá aspectos de si mesmo que havia anteriormente reprimido; dar-se-á conta de que está se tomando mais integrado, mais apto a funcionar efetivamente; tomar-se-á mais semelhante à pessoa que gostaria de ser; será mais autodiretiva e autoconfiante; realizar-se-á mais enquanto pessoa, sendo mais único e auto- expressivo; será mais compreensivo, mais aceitador com relação aos outros; estará mais apto a enfrentar os problemas da vida adequadamente e de forma mais tranqüila (ROGERS, 1985, p. 43).

Rogers confiou que essa declaração valeria para toda relação humana, quer fosse um indivíduo, quer fosse um grupo, definiu como relação de ajuda uma relação em que “pelo menos uma das partes procura promover na outra o crescimento, o desenvolvimento, a maturidade, um melhor funcionamento e uma maior capacidade de enfrentar a vida” (ROGERS, 1985, p. 45).

Rogers (1985), registrou algumas proposições variáveis que orientou seu comportamento ao mergulhar numa relação que ele confiaria que fosse de ajuda, quer se tratasse de clientes, estudantes, colegas ou família. *Primeira*; “Poderei conseguir *ser* de uma maneira que possa ser apreendida pela outra pessoa como merecedora de confiança, como segura ou consistente no sentido mais profundo do termo “? (ROGERS, 1985, p. 58).

A experiência de Rogers bem como sua investigação indicou ser importante que fossem preenchidas todas as condições externas que impusessem confiança, pontualidade e confidencialidade. Irritação, ceticismo ou sentimento de não-aceitação implicariam em ser indigno de confiança ou incongruente. Ser coerente aqui não quer dizer agir com rigidez, mas confiar na pessoa como realmente ela é. Aplicou o termo congruente para definir esse conceito, que, seja qual for a atitude ou sentimento vivido, que seja vivido de modo consciente, nisto se implica a confiança (ROGERS, 1985).

Segunda: “Poderei ser suficientemente expressivo enquanto pessoa para que o que sou possa ser comunicado sem ambigüidades”? (ROGERS, 1985, p. 58).

Agir irritadamente com outra pessoa sem ter consciência disso faz com que a mensagem passada através da comunicação se torne contraditória, a percepção dessa irritação traz confusão na relação, pois ao mesmo tempo em que se comunica uma certa mensagem também se comunica sutilmente a irritação, resultando na falta de confiança.

Segundo Rogers, seja na função de pai, terapeuta, professor ou administrador é essencial que se ouça a si mesmo para que a atitude de defesa não impeça o discernimento dos próprios sentimentos, para não se ao fracasso. Para tanto, ele enfatiza uma lição a qual considera fundamental para se estabelecer uma relação de ajuda, que é ser transparente, ou seja, sempre se mostrar tal como o é (ROGERS, 1985).

Conforme Rogers, para que uma pessoa estabeleça uma relação de ajuda com outra pessoa, é necessário que essa pessoa primeiramente estabeleça uma relação de ajuda consigo mesma, e que esteja sensivelmente consciente de seu próprio sentimento e o aceite, pois aceitar-se como se é e permitir que outra pessoa veja, é a tarefa mais complexa que nunca está inteiramente concluída.

Compreender e aceitar essa tarefa é fundamental para reconhecer o que se encontra inconveniente nas relações interpessoais que se interromperam e oferecer uma nova direção que seja construtiva. Nas palavras de Rogers: “se desejo facilitar o desenvolvimento pessoal dos outros em relação comigo, então devo desenvolver-me igualmente e, embora isso seja muitas vezes penoso, é também fecundo” (ROGERS, 1985, p. 60).

Terceira: "Serei capaz de vivenciar atitudes positivas para com o outro — atitudes de calor, de atenção, de afeição, de interesse, de respeito"? (ROGERS, 1985, p. 60). Esses sentimentos trazem um certo receio, pois à medida em que se permite uma abertura à experiência de sentimentos positivos do outro, há o risco de se deixar ser entrelaçado por esses mesmos sentimentos.

Conseqüentemente pode haver uma exigência da parte do outro ou decepção da própria confiança, de tal modo por reação, cria-se um distanciamento entre nós e os outros, um relacionamento reservado, profissional e impessoal. Rogers declarou estar convencido de que um dos motivos principais da profissionalização em todas as áreas é a de que ela mantém esse distanciamento.

As complexas formulações de diagnóstico no domínio clínico e os métodos de avaliação em que a pessoa é tratada ou encarada como um objeto, deu a ele a impressão de que se evita vivenciar uma afinidade. Porém para Rogers, mostrar interesse pelo outro ou mesmo e aceitar sentimentos positivos em relação a ele, constitui-se uma meta cumprida. Considera que: "podemos nos permitir, com segurança, mostrar interesse pelo outro e aceitar estar ligado a ele como a uma pessoa por quem temos sentimentos positivos" (ROGERS, 1985, p. 62)

A *quarta* questão Rogers pôde perceber ao longo de sua experiência:

Poderei ser suficientemente forte como pessoa para ser independente do outro? Serei capaz de respeitar corajosamente meus próprios sentimentos, minhas próprias necessidades, assim como as da outra pessoa? Poderei possuir e, se for necessário, exprimir os meus próprios sentimentos como alguma coisa que propriamente me pertence e que é independente dos sentimentos do outro? Serei bastante forte na minha independência para não ficar deprimido com sua depressão, assustado com seu medo ou envolvido por sua dependência? O meu eu interior será suficientemente forte para sentir que eu não sou nem destruído por sua cólera, nem absorvido por sua necessidade de dependência, nem escravizado por seu amor, mas que existo independentemente dele com sentimentos e com direitos que me são próprios? (ROGERS, 1985, p. 61 e 62).

Sentir livremente a força de ser uma pessoa independente, nos leva a descobrir que é possível dedicar-se inteiramente a compreender e a aceitar o outro, pois não existe receio de perder a si mesmo.

A *quinta* questão está estreitamente relacionada a anterior:

Estarei suficientemente seguro no interior de mim mesmo para permitir ao outro ser independente? Serei capaz de lhe permitir ser o que é —sincero ou hipócrita, infantil ou adulto, desesperado ou presunçoso? Poderei dar-lhe a liberdade de ser? Ou sinto que ele deveria seguir meus conselhos, ou permanecer um pouco dependente de mim, ou ainda tomar-me como modelo? (ROGERS, 1985, p. 62).

No que diz respeito a esse aspecto, Rogers menciona os estudos em que descobriu que os terapeutas menos bem adaptados e menos competentes tende a induzir os pacientes a tê-los como modelo. Já por outro lado, o terapeuta mais bem adaptado e mais competente pode interagir com o cliente possibilitando a este o desenvolvimento de uma personalidade totalmente distinta do terapeuta. Rogers dizia preferir estar nesta derradeira categoria, quer como supervisor, terapeuta ou pai (ROGERS, 1985).

A *sexta* questão Rogers coloca a si mesmo:

Poderei permitir-me entrar completamente no mundo dos sentimentos do outro e das suas concepções pessoais e vê-los como ele os vê? Poderei entrar no seu universo interior tão plenamente que perca todo desejo de avaliá-lo ou julgá-lo? Poderei entrar com suficiente delicadeza para me movimentar livremente, sem esmagar significações que lhe são preciosas? Poderei compreender esse universo tão precisamente que apreenda, não apenas as significações da sua experiência que são evidentes para ele, mas também as que são só implícitas e que ele não vê senão obscura e confusamente? Poderei ampliar ilimitadamente essa compreensão (ROGERS, 1985, p. 62)?

A compreensão empática, por mínima que seja, ou uma tentativa de captar o que o paciente anseia dizer na sua complexidade obscura, por mais indecisa e desajeitada que for, é uma ajuda. Não obstante, essa ajuda seria indiscutivelmente muito maior quando se fosse capaz de apreender e de estabelecer de forma clara o sentido daquilo que a pessoa vivenciou, que de outra maneira permaneceria vago e difuso (ROGERS, 1985).

A *sétima* questão é,

Saber se posso aceitar todas as facetas que a outra pessoa me apresenta. Poderei aceita-la como ela é? Poderei comunicar-lhe essa

atitude? Ou poderei apenas colhê-la condicionalmente, aceitando alguns aspectos da sua maneira de sentir e desaprovando outros, silenciosa ou abertamente? (ROGERS, 1985, p. 63).

Quando uma atitude é condicional, não ocorre mudança nem desenvolvimento no cliente em relação aos aspectos que não se sente aceito inteiramente. Não aceitar o outro em seus aspectos, se deve ao fato de sentir medo ou se sentir advertido por algum aspecto de seus próprios sentimentos. Para que haja ajuda é necessário desenvolver e aceitar os sentimentos presentes em si mesmo (ROGERS, 1985).

A *oitava* questão Rogers (1985), considera bastante prática; “Serei capaz de agir com suficiente sensibilidade na relação para que meu comportamento não seja percebido como uma ameaça”? (ROGERS, 1985, p. 63).

Estudos mostram que é fácil os indivíduos se sentirem ameaçados fisiologicamente (reflexo psicogalvânico)⁷, portanto liberta-los inteiramente das ameaças exteriores, fara com que eles comecem a vivenciar e a enfrentar sentimentos e conflitos interiores que lhes são atemorizantes (ROGERS, 1985).

A *nona* questão Rogers (1985), afirma ser um aspecto específico da questão anterior; “Poderei libertá-lo do receio de ser julgado pelos outros”? (ROGERS, 1985, p. 64).

Nas fases da vida, na maior parte, seja em casa, seja na escola ou no trabalho, as pessoas se acham dependentes das recompensas e das punições dos outros que lhe são atribuídas. Esses juízos percorrem a nossa vida da infância à velhice, até certo ponto há uma utilidade social, mas não beneficiam o desenvolvimento da personalidade, nem fazem parte de uma relação de ajuda. Segundo Rogers (1985), apreciar positivamente uma pessoa torna-se tão ameaçador quanto julgá-la negativamente, pois dizer-lhe que fez bem sugere também dizer-lhe que procedeu mal, desse modo, conservar uma relação livre de qualquer juízo de valor, consentirá à outra pessoa alcançar um ponto em que “ela própria reconhecerá que o lugar do julgamento, o centro da responsabilidade, reside dentro de si mesma” (ROGERS, 1985, p. 64).

⁷ Aumento passageiro da corrente eléctrica que atravessa um indivíduo, quando este reage a uma excitação qualquer.

A *décima* questão e última; “Serei capaz de ver esse outro indivíduo como uma pessoa em processo *tornar-se* ela mesma, ou estarei prisioneiro do meu passado e do seu passado”? (ROGERS, 1985, p. 65).

Se no encontro com uma pessoa, ela for tratada como uma criança imatura, ou como um aluno incapaz, ou como uma personalidade neurótica ou um psicopata, esses conceitos limitarão o que ela possa ser na relação. Aceitar a outra pessoa como alguma coisa definida, diagnosticada, classificada e cristalizada pelo seu passado, contribui para aprovar essa hipótese limitada. Mas aceitá-la num processo de tornar-se quem de fato ela é, tornará real suas potencialidades (ROGERS, 1985).

Sobre as relações pessoais, Rogers (1985) examinou as diferentes questões apresentadas acima, a partir de aspectos interiores e subjetivos, e afirma que, uma relação de ajuda excelente é aquela designada por uma pessoa psicologicamente madura, ou seja, quando uma pessoa é capaz de criar relações que promovam o crescimento do outro, essa pessoa expande e desenvolve suas próprias potencialidades em direção à plena maturidade. Ressalta que, quando um pai ou uma mãe, um professor, um terapeuta ou alguma outra pessoa cujo desempenho seja promover o crescimento, proporciona uma completa liberdade da expressão simbólica, está favorecendo a capacidade criadora, considera que:

Essa liberdade permite ao indivíduo um vasto horizonte para pensar, sentir, ser o que é no seu mundo mais íntimo. Essa liberdade favorece a abertura e o jogo espontâneo de associar percepções, conceitos e significações, o que é uma parte da criatividade. Note-se que é uma liberdade completa da expressão *simbólica* que aqui se descreve. Nem em todas as circunstâncias é libertador o fato de se exprimirem no comportamento todos os sentimentos, impulsos e formas. O comportamento pode ser limitado em determinadas circunstâncias pela sociedade, e assim deve ser. Mas a expressão simbólica não tem necessidade de ser limitada. Por conseguinte, é libertador destruir um objeto odiado (quer seja a própria mãe, quer um edifício rococó) através da destruição da sua representação simbólica. Atacá-lo na realidade pode implicar um sentimento de culpa e restringir a liberdade psicológica (não me sinto muito seguro deste parágrafo, mas é, nesse momento, a melhor formulação que encontrei para enquadrar a minha experiência) (ROGERS, 1985, p. 417).

Essa permissividade descrita por Rogers não é fraqueza, indulgência ou encorajamento, é o consentimento para ser livre, o que constitui ao mesmo tempo

ser responsável. Aqui o indivíduo é livre para temer uma experiência nova, assim como é livre para almejá-la ansiosamente, é livre para lidar com as consequências dos seus erros e ao mesmo tempo dos seus esforços positivos. Rogers considera esse tipo de liberdade responsável, pois permite ao indivíduo ser ele mesmo, desenvolve um senso seguro em que ele mesmo avalia seu interior e estabelece condições internas de criatividade construtiva (ROGERS, 1985).

Os anos de pesquisas de Rogers fizeram com que ele se percebesse mais aberto a novas ideias, as que soaram mais importantes para ele dizem respeito ao espaço interno “o reino dos poderes psicológicos e das habilidades psíquicas da pessoa humana” (ROGERS, 1983, p. 38). Em seu ponto de vista, esta área estabelece o novo limite do conhecimento, o fio da descoberta. Considera que dez anos antes desse período de investigação não afirmaria isso, mas após leituras, diálogos e experiências com pessoas que atuavam nesse campo sua visão foi modificada.

Declara que se viu mais aberto a uma intimidade maior em seus relacionamentos a partir de suas experiências e vivências em workshops. Se percebeu pronto fisicamente para tocar e deixar ser tocado pelas pessoas, passou a beijar e abraçar mais, tanto mulheres quanto homens, tornou-se mais consciente do seu lado sensual, passou a sentir maior necessidade de contato psicológico com as pessoas, reconheceu o quanto carecia se interessar pelas pessoas e que isso fosse também recíproco da parte delas.

Desejava agora encontrar-se mais próximo das pessoas, arriscar-se mais e doar-se mais, era como se tivesse descoberto uma capacidade intensa e nova de intimidade, que lhe trouxe muita dor, mas ao mesmo tempo uma maior probabilidade de partilhar alegria (ROGERS, 1983).

Após essas mudanças terem afetado seu comportamento, Rogers (1983), afirma que passou a desenvolver relações mais íntimas e profundas, comunicar-se sem reservas, acreditando que é possível desenvolver amizades sólidas, em que se pode partilhar qualquer aspecto do nosso eu, nossos sentimentos de dor, de alegria, de insegurança, de medo, nossos sentimentos loucos, egoístas, autodepreciativos, nossos sonhos e fantasias, ao mesmo tempo em que seus amigos compartilhavam com ele de maneira profunda seus próprios sentimentos. Chamou de evolução nova,

experimental e ousada o que estava acontecendo com ele, o que considerou muito compensador e enriquecedor para sua vida.

Considerou seus relacionamentos, tanto seu casamento de vários anos como suas amizades, um contínuo aprender sob a esfera da intimidade. Passou a ter uma consciência mais aguçada dos momentos de sofrimento e sentimentos de raiva, frustração e rejeição, uma maior intimidade para compartilhar ideias e maior satisfação em ser compreendido e aceito. Aprendeu como é complexo encarar sentimentos negativos das pessoas de quem gostamos bem como o quanto as expectativas numa relação podem ser transformadas facilmente em exigências. Descobriu que:

Uma das coisas mais difíceis é gostar de uma pessoa, não importa o que ela seja naquele momento, na relação. E tão mais fácil gostar de uma pessoa pelo que se *pensa* que ela é, ou se *desejaria* que fosse, ou se acha que *deveria* ser! Gostar da pessoa pelo que *ela* é, deixando de lado as expectativas do que quero que ela seja, deixando de lado meu desejo de adaptá-la às minhas necessidades, é uma maneira muito mais difícil, porém mais enriquecedora de viver uma relação íntima satisfatória (ROGERS, 1983, p. 40).

Tudo o que foi descrito, constituiu uma parte da vida de Rogers que se modificou, fazendo com que se sentisse mais acessível para a intimidade e para o amor. Descobriu cada vez mais que viver envolve riscos, viver significa agir na incerteza, viver significa comprometer-se com a vida. Para Rogers (1983), o processo de mudança é a vida, pois viver de maneira imutável, acabada, seria viver como um morto-vivo, assim, a confusão, a incerteza, o medo e os altos e baixos emocionais são aceitáveis, porque consisti no preço que se paga para que a vida seja estimulante, fluente e perturbadora.

Ainda em suas experiências Rogers percebeu que quando uma pessoa é ouvida, sente-se capaz de rever seu mundo e prosseguir. Inexplicavelmente alguns aspectos antes considerados sem solução, a partir do momento que alguém nos ouve, tornam-se suscetíveis a soluções, assim como, confusões consideradas irremediáveis transformam-se em correntezas que escorrem com facilidade ao sermos ouvidos. Rogers relata que se tornou mais capaz de gostar das pessoas, devido ao fato de ter menos receio de dar e receber sentimentos positivos, chegando à conclusão de que essa capacidade é incomum, pois frequentemente

mesmo no relacionamento com os filhos, ama-se para controlar em vez de amar porque gosta do outro (ROGERS, 1983).

O sentimento mais gratificante que Rogers conheceu e um dos que mais lhe ofereceu probabilidades para a outra pessoa crescer sobrevêm do fato de apreciar uma pessoa da mesma maneira que se aprecia um pôr-do-sol:

As pessoas são tão belas quanto um pôr-do-sol quando as deixamos *ser*. De fato, talvez possamos apreciar um pôr-do-sol justamente pelo fato de não o podermos controlar. Quando olho para um pôr-do-sol, como fiz numa tarde destas, não me ponho a dizer: "Diminua um pouco o tom do laranja no canto direito, ponha um pouco mais de vermelho púrpura na base e use um pouco mais de rosa naquela nuvem". Não faço isso. Não *tento* controlar um pôr-do-sol. Olho com admiração a sua evolução. Gosto mais de mim quando consigo contemplar assim um membro da minha equipe, ou meu filho, minha filha, meus netos. Acredito que esta atitude tenha algo de oriental. Para mim, é a mais gratificante (ROGERS, 1983, p. 23).

Outra lição que Rogers menciona é que, quando uma pessoa não é estimada ou apreciada, ela não só se sente muito diminuída, como seu comportamento é afetado por esse sentimento, mas quando essa pessoa é estimada, ela brota e cresce e se torna um indivíduo interessante. Conseqüentemente, estimar ou amar e ser estimado e amado são experiências que geram crescimento, quando uma pessoa é amada e compreendida, eclode e amplia seu próprio eu, único, a pessoa que ama de maneira altruísta enriquece a si mesma. Essas tem sido suas experiências (ROGERS, 1983).

No próximo capítulo apresentamos duas das modalidades da Abordagem Centrada na pessoa: os Grupos de encontro e o Ensino Centrado no aluno, a fim de apresentar sua abrangência.

3 DUAS DAS MODALIDADES DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

3.1 Os grupos de encontro

Ao final dos anos 60, conforme afirma Schmid (2011), o interesse de Rogers pela psicoterapia individual e pelo aconselhamento foi se deslocando e se concentrando cada vez mais nos grupos. Foi a época em que trabalhava especificamente com a formação de psicólogos e psicoterapeutas. Sugere-se que esse trabalho com grupos teria surgido como resposta à noção dos limites do *setting* dual (terapeuta/cliente) ao encontro das transformações da vida social idealizadas por Rogers.

De acordo com Rogers (1970), evidentemente sempre houve e sempre haverá grupos enquanto houver a sobrevivência do ser humano neste universo. Mas ele referia-se num significado particular da palavra, o da experiência de grupo planejada e intensiva. Considerou o movimento de grupos⁸ a invenção social do século, pois continha implicações sociais importantes.

Os grupos intensivos de Rogers funcionaram em diversas situações, sendo realizados nas indústrias, universidades, instituições religiosas, agências governamentais, instituições educacionais e penitenciárias. Foram realizados grupos para jovens delinquentes e pré-delinquentes⁹, grupos para presidentes de grandes corporações, também grupos compostos por estudantes e professores universitários, conselheiros e psicoterapeutas; grupos de estudantes com dificuldades escolares, família, casais, pais e filhos; criminosos que cumpriam penas, drogados identificados; educadores, professores, diretores escolares, enfermeiras, gerentes industriais, membros do serviço de impostos e até mesmo embaixadores do Departamento de Estado.

O primeiro grupo de encontro foi desenvolvido por Kurt Lewin com sua equipe de estudantes em 1947. Deu-se o nome de *T-group* (T significando *training*, treino). Eram grupos que treinavam as “capacidades das relações humanas, em que se ensinavam os indivíduos a observarem a natureza das suas interações recíprocas e do processo de grupos” (ROGERS, 1970, p. 3). Sentia-se que a partir dos grupos

⁸ Grupos de encontro terapêuticos.

⁹ Pessoa que infringe as leis penais vigentes de um determinado país.

seriam capazes de compreender a maneira própria de como laborar num grupo e no trabalho e qual impacto teriam sobre o outro, tornando-se mais competentes frente a situações interpessoais complexas.

Mais tarde foi formada uma organização chamada: *National Training Laboratories (NTL)*, que tiveram suas primeiras tentativas no campo industrial abrangendo administradores e diretores.

Os *T-groups* foram organizados não só para a indústria como também para outros campos fora dela, onde se pode observar mudanças significativas entre os participantes por meio da relação de confiança e interesse que se desenvolvia a partir das experiências por eles vividas (ROGERS, 1970).

Por volta dos anos de 1946 e 1947, logo após a Segunda Guerra Mundial, desenvolvia-se outra fase do movimento da experiência intensiva de grupos por Rogers e seus colaboradores no Centro de Aconselhamento da Universidade de Chicago. Rogers se empenhava em treinar conselheiros pessoais para oferecer cuidado aos egressos da guerra. Esses grupos nortearam-se essencialmente para o crescimento pessoal, ampliação e aprimoramento da comunicação e relações interpessoais, sendo este seu objetivo principal (ROGERS, 1970).

Conforme enfatiza Schmidt (2011), Rogers considerou a sociedade ideal, um ambiente favorável para os indivíduos se desenvolverem, cujo embasamento estaria fundamentado nas relações interpessoais e nas atitudes facilitadoras. Para ele, o convívio democrático e construtivo entre indivíduos, grupos e nações estaria sujeito quase que unicamente nas características das relações interpessoais deparadas na psicoterapia. Schmidt (2011) afirma que seu interesse pelo aconselhamento e pela psicoterapia individual se moveu cada vez mais e foi se concentrando nos grupos em que já estaria trabalhando.

A base conceitual de todo esse movimento foi de um lado, o pensamento lewiniano e a psicologia gestaltista¹⁰ e, do outro, a terapia centrada no cliente, além de outras teorias e extensões terem exercido influência em seu início. Conforme foi crescendo o interesse pela experiência intensiva de grupo e sua utilização, modalidades e formas diferentes se disseminaram e multiplicaram-se.

¹⁰ Movimento que atua na área da teoria da forma.

Rogers (1970), evidencia uma lista dos grupos que apresenta alguma ideia da grande diversidade de aspectos que envolveram essa experiência, são eles; *T-groups (grupos-T)*– acentuam-se nas capacidades das relações humanas; *Grupo de encontro (ou grupo de encontro básico)* – foca-se no crescimento pessoal e nas relações interpessoais; *Sensitivity training group (grupo de treino de sensibilidade)*– assemelha-se aos grupos anteriores; *Task oriented group (grupo centrado na tarefa)* – é centrado na tarefa de grupo e no seu contexto interpessoal; *Sensory awareness groups, body awareness groups, body movement groups (grupos de percepção sensorial, grupos de percepção corporal, grupos de movimento corporal)*– acentuam-se na percepção física e na expressão do movimento; *Creativity workshops (grupos de criatividade)*– acentuam-se na expressão criadora por meio da arte com foco na espontaneidade individual e de expressão; *Organizational development group (grupo de desenvolvimento da organização)*- objetiva o desenvolvimento da capacidade de liderança; *Team building group (grupo de formação de equipe)*- objetiva o desenvolvimento de laços de união e equipes de trabalhos eficazes (na indústria); *Gestalt group (grupo gestáltico)* - o terapeuta experiente centra-se num indivíduo de cada vez numa visão diagnóstica e terapêutica; *Grupo synanon ou “game”* – centra-se no tratamento de dependentes químicos.

Pode-se observar nessa lista diferentes formas de grupos que se pode encontrar, conforme diz Rogers (1970), que são; *Stranger groups (grupos de estranhos)*- são formados por indivíduos que não se conhecem; *grupos de membros diretivos de uma organização*- pessoas integradas na vida diária dentro da indústria, na educação, e em tudo que possa ser o seu local de trabalho; *Workshops ou labs (laboratórios)*- são grupos que se juntam para alguma experiência comum, são conduzidos simultaneamente em que cada qual mantém a sua continuidade própria; *Grupos de casais*- objetiva melhorar as relações conjugais através da ajuda um do outro e por fim o *Grupo de família (family group)*- “é um grupo composto por várias famílias que objetiva instruir-se os pais com os próprios filhos e com os filhos dos outros reciprocamente” (ROGERS, 1970).

Cury (1993), menciona que Rogers descreveu o impacto de seu trabalho com grupos em seu último livro publicado antes de falecer em 1987, “A Way of Being” (1980), nos seguintes termos:

Nos últimos quinze anos, tenho me dedicado, juntamente com muitos colegas dos Estados Unidos e de outros países, ao que tenho chamado de construção de comunidades. Trabalhamos com pequenos grupos, depois com grupos maiores, de 50 a 200 pessoas, e ocasionalmente com grupos muito grandes, de 600 a 800 pessoas. [...]. Entretanto um elemento central se impõe: tornamo-nos, num aspecto fundamental, mais eficientes como facilitadores da formação de comunidades [...]. Nessas comunidades, a maioria dos participantes vivencia tanto uma percepção aguda de seu próprio poder quanto um sentimento de união estreita e respeitosa com todos os demais membros do grupo. No desenrolar do processo, verifica-se uma comunicação interpessoal cada vez mais aberta, um senso de união crescente e uma psique coletiva harmoniosa, de natureza quase espiritual (CURY, 1993, p. 82).

Foram realizados por Rogers e seus colaboradores, aproximadamente quarenta grupos em mais de quinze países distintos, com um número entre 40 a 2000 participantes, de diversas profissões. Os resultados obtidos desses trabalhos com grandes grupos alcançaram sucesso. As aplicações dos workshops mais importantes se deram no campo das tensões interpessoais e intergrupais geradas por problemas políticos, entre grupos raciais antagônicos nos Estados Unidos e exterior, na área de resolução de conflitos no Leste da Europa, Irlanda do Norte, na África do Sul referentes a problemas entre negros e brancos, dentre outros (CURY, 1993).

3.2 O ensino centrado no aluno

O ensino centrado no aluno foi baseado nos princípios terapêuticos de Rogers, ele descobriu na experiência da psicoterapia implicações das quais considerou significativas e profundas para a educação. Após trabalhar com terapia de grupo surgiu o desejo de conduzir as aulas de uma maneira centrada no aluno. Para Rogers, aquilo que se pode ensinar a outra pessoa não apresenta grandes resultados, é insuficiente e não influencia o comportamento de maneira significativa “o único aprendizado que influencia significativamente o comportamento é o aprendizado autodescoberto, auto-apropriado” (ROGERS, 1985, p. 318).

Segundo Oliveira (2015), Rogers entende que nesta abordagem a atuação do professor não é ensinar e sim a facilitar a aprendizagem do aluno, ou seja, o professor assume o papel de facilitador. O professor facilitador promove um ambiente de aceitação e compreensão a fim de que o aluno participe ativamente,

sendo voluntário e responsável. Para ele a relação professor-aluno tem que ser despida de qualquer controle ou hierarquia, necessita ser regada de afeto e confiança. Essa confiança na pessoa humana capaz de se autodirigir e se autodesenvolver é a atitude fundamental de Rogers para a educação.

Assim como na psicoterapia, na educação também deve existir as atitudes facilitadoras. O professor deve proporcionar um ambiente que possua as três qualidades facilitadoras de aprendizagem; autenticidade, apreço e compreensão empática. Conforme Oliveira (2015, p. 35):

A autenticidade ocorre quando o facilitador é uma pessoa real, sendo aquilo que é, apresentando-se aos estudantes como pessoa e despojando-se da máscara ou da fachada de professor. Atuando de forma autêntica, o facilitador pode viver seus sentimentos e comunica-los aos alunos. Esta qualidade permite que ele se encontre diretamente e pessoalmente com o estudante, uma vez que a relação se dá de pessoa para pessoa. O trabalho do facilitador é mais eficiente quando o aluno vê que o professor é, primeiramente, uma pessoa como ele próprio, e que não nega a si mesmo.

Apreço, aceitação ou confiança, Rogers descreve como um carinho não possessivo ao estudante. [...]. Apreciar o outro, aceitar e confiar nele são características interpessoais que possibilitam a aproximação entre pessoas. Um aluno que percebe que seu professor está interessado nas suas ideias, que aceita aquilo que é exposto, respeitando as múltiplas opiniões, e que confia na capacidade dos alunos de se desenvolverem, aprenderá com muito mais liberdade. O aluno não temerá o professor, uma vez que não terá a preocupação de ser julgado por este. Ele confiará no professor, uma vez que percebe que o professor confia nele.

A compreensão empática, ela ocorre sempre quando o professor consegue compreender internamente o que se passa com o estudante, ou seja, quando entende como se apresenta o processo de educação e aprendizagem ao estudante. [...]. Quando existe uma empatia, o estudante não se sente julgado ou analisado e pode se desenvolver com maior tranquilidade. [...]. Esta atitude de se colocar no lugar do outro, buscando entender o que se passa com ele, causa um efeito libertador ao estudante.

Logo que o professor estabelecer essa relação com o grupo, “o estudante se tornará um aluno com mais auto-iniciativa, mais original, mais auto- disciplinado, menos ansioso e direcionado pelos outros” (ROGERS, 2009, p.43). Segundo Fonseca (2009), existem condições tanto por parte do professor, como também por parte do aluno, que irão possibilitar a aprendizagem.

No que cabe ao professor são as condições citadas acima; ser congruente; aceitar o outro (sentir uma consideração positiva incondicional); e compreender por empatia. No que cabe ao aluno é; que o aluno apreenda e se permita experienciar alguma coisa da congruência, aceitação e empatia do professor. Somente dessa forma poder-se-á promover o autodesenvolvimento de um indivíduo.

Rogers (1983) apresenta os fundamentos de um centro de aprendizagem centrado no aluno. O primeiro aspecto fundamental se trata basicamente de uma pré-condição, enquanto os demais compõem atributos que podem ser vividos ou observados em qualquer escola, faculdade ou universidade aonde a educação humanística tenha sido adotada.

O primeiro aspecto como mencionado anteriormente é uma pré-condição;

Os líderes, ou pessoas percebidas como representantes da autoridade na situação, são suficientemente seguras interiormente e em seus relacionamentos pessoais, de modo a confiarem na capacidade das outras pessoas de pensar, sentir e aprender por si mesmas. Quando essa pré-condição existe, os aspectos seguintes tornam-se possíveis e tendem a ser efetivados (ROGERS, 1983, p. 132).

No segundo aspecto “*As pessoas facilitadoras compartilham com as outras*” (ROGERS, 1983, p. 132). As pessoas facilitadoras têm a função de compartilhar com os estudantes encargo por esse processo de aprendizagem e se possível compartilhar também com os pais e ou com os membros da comunidade, pois segundo Rogers;

O planejamento do currículo, o tipo de administração e de funcionamento, as finanças e a política são da responsabilidade do grupo envolvido. Assim, uma classe pode ser responsável por seu próprio currículo, mas o grupo todo pode ser responsável pela política global. Qualquer que seja o caso, a responsabilidade é sempre dividida (ROGERS, 1983, p. 132).

No Terceiro aspecto “*Os facilitadores oferecem recursos de aprendizagem — de dentro de si mesmos, de suas próprias experiências, de livros ou de outros materiais ou de experiências da comunidade*” (ROGERS, 1983, p. 132). Os alunos são animados a acrescentar suas próprias experiências, bem como seus

conhecimentos e recursos. O papel dos facilitadores é abrir portas para as soluções externas à experiência do grupo.

No quarto aspecto *“Os estudantes desenvolvem seus próprios programas de aprendizagem, individualmente ou em cooperação”* (ROGERS, 1983, p. 132). Aqui os estudantes exploram seus próprios interesses, escolhem os caminhos que querem cursar no processo de aprendizagem, a partir dessa riqueza de recursos, assumindo a responsabilidade e consequências de tais escolhas.

No quinto aspecto *“Cria-se um clima facilitador da aprendizagem”* (ROGERS, 1983, p. 132). As reuniões como um todo, seja na classe ou na escola evidencia um clima de autenticidade, interesse e atenção, que pode ser inicialmente provido pela pessoa que foi percebida como líder. Tal processo de aprendizagem prossegue a medida em que os próprios alunos vão criando cada vez mais uns em relação aos outros. Essa forma de aprender uns com os outros é tão importante quanto aprender em filmes, livros ou experiências da comunidade.

No sexto aspecto *“O foco da aprendizagem é, primordialmente, a promoção da continuidade do processo de aprendizagem”* (ROGERS, 1983, p. 133). Rogers afirma que embora seja expressivo, o conteúdo da aprendizagem permanece em um segundo plano, pois um curso é concluído com sucesso é quando a partir do progresso significativo que obtiveram na aprendizagem de *“como aprender o que querem saber”* (ROGERS, 1983, p. 133).

No sétimo aspecto *“A disciplina necessária à consecução das metas dos estudantes é a autodisciplina”* (ROGERS, 1983, p. 133). A autodisciplina é acolhida e reconhecida pelos alunos como sendo de sua responsabilidade, pois quando ela é reconhecida e conseqüentemente aceita, substitui a disciplina externa.

No oitavo aspecto *“A avaliação da extensão e do significado da aprendizagem de cada aluno é feita primordialmente pelo próprio aluno”* (ROGERS, 1983, p. 133). Aqui Rogers afirma que embora os alunos se auto avaliem, o facilitador ou outros membros do grupo podem influenciar e dar um feedback cuidadoso e enriquecedor aos alunos.

Nono e último aspecto;

Neste clima de promoção do crescimento, a aprendizagem tende a ser mais profunda, processar-se mais rapidamente e ser mais

penetrante na vida e no comportamento dos alunos do que a aprendizagem realizada na sala de aula tradicional (ROGERS, 1983, p. 133).

Segundo Rogers (1983), isso acontece porque a direção da aprendizagem é auto-escolhida e auto-iniciada, as pessoas estão empenhadas no processo de uma forma global tanto com o intelecto como com paixões.

Neste tipo de aprendizagem afirma Rogers diz que a força que apreende o poder político é a pessoa em crescimento, ou seja, a pessoa que está vivenciando o processo de aprendizagem. O *aprendiz* é o centro (ROGERS, 1983, p. 184). Ele afirma que esse processo de aprendizagem na política da educação tradicional, representa uma mudança repentina, uma revolução (ROGERS, 1983).

Rogers (2004), afirma que a educação que ele apresenta no ensino centrado no aluno não é a educação que seria de interesse de uma cultura autoritária ou que concretizaria uma filosofia autoritária. Se a educação tiver por finalidade produzir técnicos bem preparados, com inteira disposição em cumprir totalmente as ordens da autoridade constituída, sem questionar, então o método que ele apresenta é completamente inadequado. De maneira geral, esse tipo de aprendizagem é significativa somente para o ensino democrático.

De acordo com Rogers (2004), a democracia se fundamenta no sufrágio universal. Partindo desse ponto, todos os indivíduos são governantes, sendo assim, para o indivíduo governar é necessário que ele tenha a educação que um governante deve ter. Uma vez que o objetivo máximo de um sistema democrático de educação é a educação de governantes, então “o objectivo da educação democrática é ajudar os alunos a tornarem-se indivíduos” (ROGERS, 2004, p. 394).

Rogers (2004, p. 394 e 395), apresenta os objetivos dessa maneira de educar;

Ajudar os estudantes para que se tornem indivíduos capazes de ter ações espontâneas e sejam responsáveis por essas ações; sejam capazes de escolha inteligente e auto-orientação; sejam capazes de aprendizagem crítica, de avaliar as contribuições dadas por outros; que adquiram conhecimento importante para a solução de problemas; que, o que é ainda mais importante, sejam capazes de adaptação flexível e inteligente a novas situações problemáticas; que interiorizem uma forma adaptativa de enfrentar os problemas, empregando livre e criativamente toda experiência adequada; sejam

capazes de cooperar efetivamente com outros nessas diferentes atividades; que trabalhem, não para a aprovação de outros, mas em função de suas intenções socializadas.

Para Rogers (2004), é possível reconhecer facilmente que existe um número grande de educadores que não apregoam estes objetivos, e que, a maioria deles dependendo da cultura, poderiam até se opor, mas o ponto de vista da educação, que ele propôs descrever, não se norteia para tais objetivos, antes, porém demanda esforço para descobrir uma metodologia que permita atingir o objetivo que ele assinala como democrático.

No próximo capítulo abordamos a Educação Sociocomunitária, Rogers e Paulo Freire, Rogers e Dom Bosco. Também apresentamos algumas definições abordadas por eles a fim de identificar semelhanças entre eles.

4 EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA

A Educação sócio-comunitária é decorrente de uma prática educativa que tem como autor João Melquior Bosco (1815-1888), conhecido mundialmente como Dom Bosco. Conforme Soffner e Sandrine (2012), Dom Bosco amparou sua pedagogia no tripé razão-religião- amorevolezza e estabeleceu com os jovens de sua comunidade um binômio inseparável. Pode-se dizer que sua visão educacional não foi unidimensional porque ele via o jovem em suas várias dimensões, de maneira sucinta, pode-se dizer que para ele o jovem é “uma cabeça (razão), um coração (*amorevolezza* – afeto) e um joelho (religião) a serem educados (SOFFNER E SANDRINE, 2012, p. 167). Galvão (2017) define *amorevolezza* como:

Pequenas virtudes relacionais ou atitudes ou comportamentos entre pessoas, que se demonstram em palavras, gestos, ajudas, dons, sentimentos de amor, de graça, e de cordial disponibilidade. É afeto, benevolência, benignidade, solicitude de pais e mães, também espirituais para com os filhos; de homens e mulheres reciprocamente: cônjuges, noivos, namorados, amantes, amigos; de protetores para protegidos, benfeitores para com os beneficiados (GALVÃO, 2017, p. 85).

Segundo Gomes (2008), a Educação Sociocomunitária foi estabelecida na junção de uma comunidade civil, de religiosos e cidadãos comuns, em benefício de um projeto educacional, que notificou e gerou transformações sociais no tempo e na história.

Segundo o autor, essa ocorrência histórica presente no seu caráter institucional bem como sua maneira de pensar a educação, chama atenção para um tipo de método educacional caracterizado por intervenções educativas resultantes de transformações sociais para a comunidade.

Constituiu nesse modelo de intervenção a que foi proposto, a suposta verificação da Educação Sócio-comunitária.

A educação sócio-comunitária é, assim, numa primeira visão, o estudo de uma tática pela qual a comunidade intencionalmente busca mudar algo na sociedade por meio de processos educativos. Nessa primeira visão, ao buscar essa tática, a comunidade concretiza sua autonomia. (GOMES, 2008, p. 54).

Ainda segundo o autor, a Educação Sócio-comunitária contribui na discussão do embasamento da divisão entre formal e não-formal, contribui enquanto a teoria das práticas educativas comunitárias apresenta fatos reais que permitam levantar tipificações que elucidem ou levem à superação da educação sociocomunitária.

Conforme Groppo (2013), a educação-sociocomunitária é definida como área de investigação e intervenções educacionais, cujo intento é a transformação social de caráter amplo, partindo da atuação em escala comunitária ou local. As intervenções educacionais se dão costumeiramente em espaços de educação não formais, podendo também acontecer em espaços formais como a escola ou quando movimentam a comunidade nas imediações da instituição escolar.

A educação sociocomunitária em resumo é “um conceito que se refere a ações educacionais de impacto social, para além da escola, ou que envolvem a relação escola-comunidade” (GROPPO, 2013, p. 20).

Vista como uma estratégia educacional, a educação sociocomunitária de acordo com Groppo (2013), articula grupos locais ou comunidades a fim de alcançar amplamente a transformação da sociedade. Cita duas estratégias, as de caráter emancipador e as de caráter manipulador.

As estratégias de caráter emancipador são aquelas em que as intervenções visam ampliar a autonomia e o bem-estar das comunidades e de seus integrantes, já as de caráter manipulador são aquelas em que, a movimentação comunitária ou a movimentação local, serve a interesses de instituições externas, como igrejas, organizações supranacionais e Estados.

Sobre a perspectiva da teoria sociológica, Groppo (2013), traz alguns conceitos importantes da educação sociocomunitária, entre eles, o conceito do princípio sociocomunitário. Sendo assim, a educação sociocomunitária nesse sentido é uma intervenção educativa que tem por definição a produção do princípio sociocomunitário de relações humanas e sociais.

O raciocínio ou o princípio sociocomunitário conforme Groppo (2013, p. 21), é caracterizado por relações sociais que atentam às necessidades devidamente humanas: “a sobrevivência, cuidado e identidade (em seu viés comunitário) e a liberdade, autonomia e criação (em seu viés societário) ”.

Nesses termos a sociologia da educação sociocomunitária busca a identificação, principalmente nos espaços não formais, dos processos educativos que têm a finalidade de potencializar relações de caráter comunitário e social.

Tem também o intuito de detectar intervenções educativas de caráter resistente ou de ocupação de recintos intersticiais desamparados pelas lógicas predominadoras e hegemônicas na modernidade e atualidade “a lógica do poder (capitaneado pelo Estado moderno) e a lógica do capital” (GROPPO, 2013, p.21), essas caracterizações (GROPPO, 2013), chama de integração sistêmica.

Na visão de Isaú (2007), para falar sobre a educação sociocomunitária, se faz necessário primeiramente fazer uma revisão conceitual dos termos sociedade, comunidade e educação comunitária, a fim de se aprofundar o conceito.

De modo geral e básico sociedade vem a ser um campo de relacionamentos intersubjetivos, ou seja, a comunicação das relações humanas, a soma dos indivíduos dentre os quais essas relações ocorrem, e um grupo de indivíduos dentre os quais essas relações acontecem em algum modo condicionada ou determinada. Seguem abaixo três definições trazidas por (ISAÚ, 2007, p. 5), para maiores esclarecimentos;

No primeiro sentido, introduzido pelos escritores latinos, fundem-se os aspectos estatal e social e não se distinguem do conceito de *polis*. Os estóicos, porém, dissociaram esses dois elementos de modo que a sociedade passou a ser considerada independente do Estado, da organização política. “Nascemos para a agregação dos homens e para a sociedade e a comunidade do gênero humano”. Os juristas-naturalistas modernos, entre eles GROTIUS retomam esta conceituação, realçando o direito natural que delimita o campo da sociedade.

Em segundo lugar, o conceito de sociedade considerado como totalidade de indivíduos, entre os quais há relações intersubjetivas, ou seja, como “mundo social”, geralmente se liga ao conceito de sociedade como organismo ou “superorganismo”. Marco Aurélio fala da sociedade como comunidade de seres racionais, conceito esse que continua na Idade Moderna.

Em terceiro lugar, a palavra “sociedade” é definida como conjunto de pessoas que vivem em certa faixa de tempo e de espaço, seguindo normas comuns e que são unidas pelo sentimento de grupo; corpo social, coletividade (sociedade medieval, moderna, brasileira, capitalista, etc.).

Tendo definido o termo sociedade, segue agora o conceito de *comunidade*. Segundo Isaú (2007), por comunidade compreende-se uma união de vidas e de

destinos, como família, nação, procedente da natureza, que resulta por si mesma, na integração de sentimentos, que conseqüentemente, entrelaça profundamente os indivíduos.

Ao se falar em comunidade, logo vem o pensamento de união, de amor e de sentimentos, enquanto que hoje em dia, a sociedade acentua a estrutura jurídica e estatutária, a organização, coisa que não acontecia outrora.

O termo comunidade foi escolhido, a fim de integrar à sua imagem os seus vínculos e anseios mais íntimos, sem dispensar os vínculos jurídicos, importantes para fins grandiosos de causas em comum (ISAÚ, 2007).

No sentido ontológico, escreve o mesmo autor, - a “comunidade” se constitui na “comunalidade”, na “comum participação num bem” a se manter ou numa necessidade comum ou comum destino (ISAÚ, 2007, p. 6). Conforme o autor, quando um agrupamento de pessoas, são entre ligados por essa comunalidade, por vezes, dá-se o nome de comunidade, por ex., comunidade linguística, isso se dá por conta de existir na consciência de muitos um destino comum presente, o qual desperta o sentimento de solidariedade (ISAÚ, 2007).

Contudo, ainda não é suficiente, é necessária uma ação apreciativa da alma, amor e respeito pela dignidade da pessoa alheia. Deste modo a comunidade é em rigor, constituída por meio da unificação de muitos, que objetivam obter com as forças construtivas, a efetivação do fim comum a todos.

O autor ainda ressalta que precisa haver uma direção, uma autoridade, isso mostra que existe essência na comunidade, que vai garantir com eficácia o prosseguimento para o fim próprio. “Os laços morais, que mantêm uma comunidade e asseguram a próspera colaboração de seus membros, são, portanto, vínculos não só de amor, mas também de justiça” (ISAÚ, 2007, p.6). Portanto, a comunidade se dispõe ao bem e ao desenvolvimento das pessoas que fazem parte dela.

Conforme Isaú (2007), quanto a definição de *educação comunitária*, de início se diria a educação que é efetivada numa comunidade para se viver em comunidade, sendo que, a mesma se realiza com a participação de seus membros no desenvolvimento sem negligenciar a própria pessoa humana que a faz.

Assim sendo, a educação social se realiza na sociedade, para o desenvolvimento da sociedade, expandindo o campo da educação comunitária, pois

entende-se que, a sociedade é a agregação das comunidades em um mecanismo mais amplo, o "mundo social", ou "superorganismo" (grifo do autor), (ISAÚ, 2007).

A educação social, em seu campo de atuação na sociedade, promove a educação comunitária através da prática dos seus educadores e todos que nela estão envolvidos. A educação comunitária, por sua vez, fortalece as ações sociais, imprimindo nelas mesmas a legitimação do desenvolvimento da prática da transformação (DAUD e CARO, 2013, p.4).

A educação individual, nos dois casos, só se idealiza interligada nas duas estruturas, para a própria efetivação individual. Esse ajuntamento é ao que chamamos de educação sócio-comunitária (ISAÚ, 2007).

É muito complexo imaginar a educação sem que ela seja também por si mesma social e comunitária, se o ser humano é definido como um ser social. A educação necessita se adaptar à própria natureza da pessoa, pois se for o oposto, irá contradizer a sua natureza, perverter e/ou assolar o ser humano. Assim, pode-se dizer, educação social como elemento complementar da formação da pessoa e arremate necessário do ofício de educar, que só será concluído quando a apresentar as portas da sociedade, bem equipada, para comandar a própria vida (ISAÚ, 2007).

Para Bissotto (2012);

A Educação Sociocomunitária, antes do que mais uma subdivisão ou uma especialização da educação, deve ser entendida como um processo: aquele de escuta – e assim de trazer à tona, de favorecer a emergência das diferentes vozes que compõem as múltiplas educações, que vão nos configurando- construindo a nossa subjetividade- enquanto vamos sendo inseridos nas malhas de relações sociais, que constituem o viver. A escuta atenta destas vozes, o colocá-las em diálogo, levantando a discussão de suas contradições e ideologias, é fundamental para que tenhamos uma tessitura da realidade mais crítica e emancipatória. É por meio desta discussão que a educação para a autonomia é possível (BISSOTO, 2012, p. 54).

Pode-se aqui também referir o conceito de autonomia para a educação sociocomunitária. A autonomia pode ser definida como "a consciência de um sentido de agência – de que sou o centro do qual emergem minhas ações – e a

compreensão de que, embora as ações humanas ocorram a partir de um ente individual, são social e culturalmente mediadas” (BISSOTTO, 2016, p. 160).

A palavra autonomia se origina no grego e se define como a capacidade que o indivíduo tem de se autodeterminar e se autorealizar, de “autos” (si mesmo) e “nomos” (lei), também tem o sentido de autogoverno e autoconstrução (GADOTTI, 1992).

O conceito de autonomia para Freire (2013) se define como a capacidade do indivíduo de agir por si mesmo, de poder fazer escolhas, expressar suas ideias e agir responsabilmente. Em sua obra “Pedagogia da autonomia”, ele deixa uma clara compreensão da autonomia, que implica na capacidade de tomar decisões, assumir seus atos, de conhecer-se no mundo, desenvolver a criticidade e ter dignidade. Para ele a única forma de desenvolver a autonomia do educando seria por meio da educação, e isso exige respeito a autonomia do ser do educando. Nas palavras de Freire;

É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o “espaço” antes “habitado” por sua *dependência*. Sua autonomia que se funda na responsabilidade, que vai sendo assumida. [...]. No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdade, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia (FREIRE, 2013, p. 91 e 92).

Segundo Daud e Caro (2013), Paulo Freire tem grande influência na Educação Sociocomunitária, fundamentado na conformidade do discurso social e comunitário existentes em seus textos. Na Carta de Paulo Freire aos professores, há um conteúdo de grande contribuição para os educadores com as finalidades da Educação Sociocomunitária. Nela discorre sobre temas relacionados a constituição de escolas democráticas e populares, e convoca especificamente os professores que se engaje nessa luta.

Segundo as autoras, o grande desafio do educador no ponto de vista de Paulo Freire está em tornar-se um educador libertador que tenha respeito pela dignidade e autonomia do educando. A educação libertadora necessita constituir um diálogo entre o educador e o educando que seja democrático, e que possibilite a fala não só do mestre educador, mas também do educando, para que esse se realize.

Para Freire, num sentido mais amplo, um pensar adequado coloca o dever a escola e não só ao professor, a respeitar os saberes dos educandos e das classes populares, saberes que foram arquitetados socialmente no exercício comunitário.

Promover a discussão com os educandos e a existência de alguns saberes em relação aos conteúdos ensinados, segundo DAUD e CARO (2013), estabeleceu-se um diálogo entre o Educador Social e os seus educandos, por meio do conteúdo programático que vai de acordo com as suas realidades concretas, suas vivências e das palavras geradoras que surgem no aprendizado pedagógico proposto.

Freire (2013), afirma ainda que ensinar o educando exige ter disponibilidade para o diálogo, pois é nessa disponibilidade que se constrói segurança. Afirma que, deveria fazer parte da docência como objeto de reflexão crítica, permitir algumas vezes se vivenciar a abertura respeitosa ao outro.

Afirma que “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história” (FREIRE, 2013, p. 133).

O conteúdo programático a ser construído, trabalhado e discutido, surgirão a partir de suas falas, sua ótica do mundo, da vida, dos outros e da sociedade. Freire (2013) aborda a educação como prática da liberdade:

Nesse sentido, a autonomia pode ser compreendida como uma produção histórica e social, a liberdade de o indivíduo agir e tomar decisões com consciência e capacidade crítica, mediante o respeito à vontade pessoal e ao grupo ao qual pertence, e assumir as responsabilidades delas decorrentes. A plenitude do *ser humano* somente pode ser alcançada quanto esse é livre, pode criar e, importantemente, agir conforme seus objetivos no mundo: estabelecer planos para a própria vida. O que não pode ser conseguido nem por aqueles que são oprimidos por outros indivíduos, nem por aqueles que agem de forma a oprimir a outrem; pois se alienam de si mesmos. Freire baseia-se numa compreensão ontológica do ser humano como caracterizado pela qualidade de poder ser agente de sua própria vida (BISSOTO, 2016, p. 160).

Para que uma educação libertadora seja agregada de valores, é necessário o educador provocar no educando a criticidade, permitindo a construção de sua própria identidade, com apoio na cidadania e respeito a humanidade. Segundo as autoras, Freire afirma que em certos momentos o papel do educador é permitir os educandos serem eles mesmos (DAUD e CARO, 2013).

Conforme Gomes (2008), a educação sociocomunitária tem em vista problematizar a realidade dos envolvidos e a estabelecer articulações políticas com o objetivo de transformar a realidade dos envolvidos. A formação em educação sociocomunitária no Brasil apesar de importante ainda é recente e não está incluída nos currículos da maior parte das universidades. Entretanto vem ampliando a necessidade de profissionais de diferentes áreas assumirem responsabilidades referentes à educação sociocomunitária.

4.1 Carl Rogers e Paulo Freire

Segundo Rufino (1985), embora Rogers tenha tido uma cidadania americana e Paulo Freire uma cidadania brasileira, ambos apresentam uma concepção de ser humano e de mundo bem semelhantes. Conforme foram desenvolvendo seus trabalhos foram juntos influenciando o mundo e gerando reflexões e mudanças nas pessoas, de maneira positiva e também negativa. Segundo a autora, os conceitos e princípios de Rogers estiveram sempre integrados ao seu modo de vida, assim também Freire, teve sua postura em frente a educação ligadas intensamente à sua vida pessoal, ambos relatam isso em suas biografias.

Para a autora, cabe aqui fazer menção que a justaposição e semelhança entre os dois pareceres de trabalho, tanto de Rogers como de Freire, foram asseguradas e descritas por Rogers em seu livro “Sobre o Poder Pessoal”, sem mesmo conhecer Freire, ficou espantado ao observar em “Pedagogia do Oprimido”, os princípios apontados por ele em “Liberdade para Aprender” (RUFINO, 1985).

A autora afirma que as práticas pedagógicas tanto de Rogers como de Freire tem como embasamento princípios humanistas, centralizando suas reflexões no indivíduo capaz de pensar e identificar sua postura com o mundo e como ser no mundo, também criar e inovar. Para ambos, a responsabilidade da ação de educar compete ao próprio educando, este sendo capaz através de suas forças tanto sócias quanto individuais, pode crescer e se desenvolver, se autoavaliar e se autodirigir.

No entanto, consideram que existem fatores que impossibilitam o indivíduo de se desenvolver, como, a história de vida que poderá dificultar para que o indivíduo venha ser-mais, bem como outras situações desfavoráveis relacionadas a vida social, portanto, indicam novas maneiras para se abordar a efetivação.

Conforme Rufino (1985), as posições de ambos são análogas referente à uma aprendizagem real e significativa, ou seja, é necessário haver um clima de liberdade, abertura, precisa haver confiança de que o aluno é capaz, pois não se trata de preparar para a vida, mas sim refletir a vida. Vale ressaltar que:

Essa atitude de aceitação, de crença no aluno e respeito pelo mesmo não se confunde com permissividade: o aluno não fará qualquer coisa que queira, mas, antes será capaz de, constantemente levantar questionamentos acerca do significado e importância do que faz, estabelecendo, de forma clara e precisa, os limites a que a sua atividade está subordinada. Queremos dizer com isto que os alunos são envolvidos na tarefa de delinear as suas atividades em conformidade com os seus ideais, as suas possibilidades e as condições e necessidades do meio em que vivem (RUFINO, 1985, p 123).

Se por meio da educação, o aluno tiver a capacidade de se libertar do jugo dos outros, de ter um encontro com a sua condição de ser, também será capaz de transformar o mundo. Roger concorda com Freire que esse tipo de abordagem para a educação de adultos se trata fundamentalmente de um método intrigante, subversivo para qualquer estrutura que apresente o autoritarismo (RUFINO, 1985).

Conforme os autores Branco, Monteiro e Felix (2016), Freire e Rogers partem de um ponto de vista positivo do ser humano. Freire confia que o ser humano está inclinado ao ser mais, cada pessoa tem a capacidade de ir além dos seus determinantes sociais; Rogers percebe o humano como um ser que tem potencial para crescer e autorrealizar-se de acordo com sua experiência, excedendo as suas fronteiras pessoais e ambientais. A partir dessa crença, que assemelha os conceitos desses autores, eles criaram métodos educacionais que facilitam o processo de libertação do ser humano, baseado na ideia de uma experiência autônoma e consciente.

Segundo mencionam os autores, seja por meio da prática educativa libertadora e revolucionária que tem por objetivo a libertação do oprimido ou pelo processo de aquisição de uma autonomia educacional que ensina a libertação, há um humanismo profundo em ambos os métodos. Freire objetiva libertar o oprimido de uma consciência alienada por forças socialmente estabelecidas por uma classe que oprime (BRANCO, MONTEIRO E FELIX (2016).

Rogers tem por objetivo uma transformação educacional e social no indivíduo, por meio de uma experiência subjetiva e consciente de si mesmo, de seus potenciais e dos conteúdos que apresente um significado. No conteúdo da aprendizagem Freire e Rogers concordam que existe uma proposta de construção coletiva. Ambos também consideram a horizontalidade na relação de ensino-aprendizagem. Para eles essa horizontalidade se concretiza no processo de desenvolvimento do conhecimento, à medida em que o educador apresenta nessa relação uma atitude ativa (BRANCO, MONTEIRO E FELIX, (2016).

Na visão de Gadotti (2001), Freire não defendia o princípio da não-diretividade na educação como fazia Rogers, mas mesmo assim existem várias questões em comum que defendem em suas pedagogias. Entre elas, à liberdade de expressão pessoal, a confiança de que há possibilidade de os seres humanos por eles mesmos resolverem suas dificuldades, uma vez motivados intimamente para isso. Para Rogers e do mesmo modo para Freire, a responsabilidade da educação se encontra no próprio aluno, sendo ele o detentor da auto-avaliação e das próprias forças de desenvolvimento, a educação deve estar centralizada nele, ao invés de estar centrada no professor ou na educação, o aluno deve ser o dominador de seu próprio aprendizado. Não consideram a aula um momento para despejar conhecimentos no aluno, nem os exames e as provas instrumentos de averiguação de conhecimento persistente na cabeça do educando, ou se este absorve da maneira que o professor o instruiu, mas sim, a educação deve ter um olhar para o educando como uma pessoa possuidora de sentimentos e emoções, uma pessoa inteira.

Pode-se notar que as duas educações são efetivas ao indicar uma ampliação da experiência. A teoria de Rogers não foi conjecturada ou trabalhada a partir da convivência com minorias sociais oprimidas, entretanto tentou valer-se do pensamento de Freire para considerar os efeitos da sua metodologia educacional nesse público. Concluiu que a educação centrada no aluno pode ser empregada e anexada na proposta freiriana (BRANCO, MONTEIRO E FELIX, 2016).

4.2 Carl Rogers e Dom Bosco

Segundo Hess (1983), tendo Carl Rogers nascido em 1902 e Dom Bosco nascido em 1815, embora tenham vivido em épocas e circunstâncias bem distintas, e tenham apresentado conceitos e ideias bem diferentes de ser humano, um e outro chegaram a concepções idênticas. Rogers teve sua vida orientada por valores éticos e religiosos (SILVA, 2015), e Dom Bosco foi um padre católico, ambos encontraram no amor, ou seja; amorevolezza, caridade, ágape¹¹, aceitação total, foi o ponto culminante de seus métodos educacionais (HESS, 1983).

Em seu livro intitulado “O Amor em Dom Bosco e em Rogers”, Hess (1983), faz uma comparação entre os dois educadores. Devido à falta de bibliografia sobre este assunto, utilizamos somente este autor.

Nesta obra, o autor afirma que o elemento fundamental comum na teoria e ação de ambos os educadores, é o amor, que é visto pelos dois como uma força primordial do espírito, uma força confirmadora de valores e instituidora de comunidades. O autor considera que a teoria de Rogers pode auxiliar a atualização do sistema preventivo de Dom Bosco referente aos princípios psicológicos e a abordagem com os alunos.

Conforme nos diz Hess (1983), Rogers viveu em meio a uma família protestante, rígida e de condição econômica razoável. Embora muito unida, porém não tinham intimidade e nem capacidade para demonstrar o amor que existia entre eles, os membros da família. Enquanto que, Dom Bosco viveu em uma família que era pobre e bem religiosa. Desde muito cedo ficou órfão de pai, porém se sentia imensamente amado por sua mãe.

A missão de Rogers foi aos poucos se clareando, e em meio a isso despertou discípulos que mantiveram e mantém acesas mundo afora diversas fontes de luz de crença no ser humano. Dom Bosco também tinha o sentido da sua missão desde bem pequenino, foram sempre concretizadas em meio a grandes dificuldades. Contudo, jamais desistiu de seus planos, obteve sucesso tanto no cumprimento de sua vocação como também deixou continuadores que persistiram e continuam persistindo em promover a juventude em sua totalidade (HESS, 1983).

¹¹ Amor que se doa.

Embora Rogers ter sido pioneiro em sua obra, enquanto viveu, conservou-se um permanente pesquisador, sempre à procura de novas experiências, não tendo muita preocupação em estruturar suas teorias, conquanto o tenha feito. Sendo também Dom Bosco pioneiro, iniciou uma relação direta com jovens excluídos da sociedade. Ensinou a esses jovens a religião e juntamente com ela o alfabeto, os elementos do estudo e da civilidade, seu principal objetivo era fazer com que esses jovens tivessem motivos para transformar o rumo de suas vidas, na alegria e no desenvolvimento de suas energias.

Dentro de um modelo semelhante suas obras foram estruturadas, não deixando de se preocupar com soluções universais no que se refere a dificuldade do menor desamparado, foram feitos estudos com o intuito de aplicar o sistema preventivo nas instituições governamentais de reeducação (HESS, 1983).

Rogers iniciou seu trabalho como psicólogo, trabalhava com menores carentes, junto com eles seguramente teve os *insights* iniciais sobre a competência da pessoa, em seguida sua dedicação voltou-se ao magistério e a outros clientes. Já Dom Bosco iniciou seu trabalho nas prisões, visitava os jovens encarcerados, reunindo esses e outros jovens excluídos para uma recreação sadia logo após terem assistido a missa.

Se preocupava com os jovens, enxergava a pessoa deles em sua totalidade, passou a abrigar aqueles que não tinham moradia, arrumava-lhes trabalho, bons patrões, os visitava em seus trabalhos, habilitava-os em seus ofícios para o enfrentamento do mundo competitivo do trabalho. Acreditava na recuperação e promoção desses jovens, por isto fazia tudo isso, muitas pessoas bem prestigiadas na sociedade eram resultadas de sua obra. De tal modo, tanto Rogers quanto Dom Bosco tiveram suas teorias formuladas através de experiências que foram evidenciadas durante anos de atuação (HESS, 1983).

Rogers falava muito sobre o amor, relata que a partir de suas experiências teve sua vida mudada, sentia-se mais aberto para a intimidade e o amor. Ele acreditava que o amor é a força mais poderosa no universo, tinha o amor expressado nas atitudes facilitadoras, ou seja, na congruência, na compreensão empática e na aceitação positiva incondicional. Para Rogers o amor é definido como total aceitação, um sentimento que impulsiona um ser humano para o outro, dando

liberdade para que esse outro cresça, equivalente ao termo teológico ágape (ROGERS, 1983).

Dom Bosco, assentava na trilogia razão, religião e amorevolezza, a fundamentação principal de sua metodologia educacional, também exigia do educador a coerência e a autenticidade, recomendou ao menos uma vez, que o educador se colocasse no lugar do educando, para avaliar se sua atitude realmente mereceria castigo.

Dom Bosco acreditava que o amor deveria ser cheio de afeto, um amor concreto, embasado na caridade sobrenatural que tinha como significativo amor de Deus, expressado através do educador. Dom Bosco educou por meio do amor, julgava que o amor era o melhor para seus alunos, amor terno e forte. Recomendava aos seus educadores que fossem amigos de seus alunos (PELEGRINE, 2008). “Segundo Hess (1983), verdadeiramente Rogers e Dom Bosco se aproximaram muito em seu conceito de amor, ambos consideram que o amor deve ser demonstrado e caloroso, não-possessivo, levando sempre ao desenvolvimento do outro.

No que diz respeito a educação, segundo o autor, para Rogers a educação tem a finalidade de promover o desenvolvimento do indivíduo, fazendo com que esses sejam abertos a mudança. A escola é a responsável por ajudar os educandos se tornarem indivíduos livres, independentes e responsáveis.

Para Dom Bosco, a educação era definida como: a arte de formar seres humanos, entendido para ele como: o honesto cidadão e o bom cristão, ou seja, um ser humano que fosse comprometido socialmente de forma construtiva e para com a igreja. Ambos foram professores, Rogers nos centros e universidades em que realizou seu trabalho e Dom Bosco junto de seus jovens e meninos. Para os dois o ambiente educacional tem mais valor do que qualquer atividade específica, veem o professor como uma pessoa autêntica, uma pessoa que deve se preocupar não somente com o intelectual do aluno, mas com a totalidade de sua pessoa, o professor não deve ser somente um ensinante (HESS, 1983).

Conforme o autor, tanto Rogers quanto Dom Bosco consideravam o afeto importante no ambiente escolar, esse clima afetivo proporciona entre educador e educando uma boa relação. Para Rogers um bom professor é aquele que se faz realmente presente na vida dos seus alunos, a forma de educar se daria pelo

contato entre ambos. Assim também para Dom Bosco, o educador deveria estar presente na vida do aluno, como um assistente, deveria levar em conta os gostos do aluno, o brincar, ter um contato direto e uma comunicação pessoal clara.

Ambos os educadores são contrários a humilhações, advertem para a questão do afastamento/frieza ou simpatia excessiva/envolvimento emocional, pois são subsídios desfavoráveis tanto para o educador como para o conselheiro ou terapeuta. Enquanto Dom Bosco apoia cultivar a simpatia, Rogers vai além ao considerar necessário a empatia, ou seja, a compreensão empática na relação professor/aluno, ao que, Dom Bosco certamente vivenciou essa empatia ao se relacionar com seus jovens, foi muito criativo, realizava teatros, atividades extra-classe, para ele o educador teria que mostrar interesse pelos gostos do aluno.

O aconselhamento também fez parte da vida de Rogers e Dom Bosco. Rogers foi um aconselhador muito capaz, por meio de suas experiências estabeleceu princípios para um método não-diretivo, que ao invés de repreensões e recomendações, valoriza a autenticidade, compreensão e aceitação positiva. Registrou uma de suas frases mais belas ao demonstrar seu desejo de ouvir e de ser ouvido; “Quando ouço alguém, é como se ouvisse a música das esferas” (ROGERS apud HESS, 1971, p. 212).

Dom Bosco, foi muito procurado por jovens com quem trabalhava para aconselhamentos, optava pela conversa informal na hora do recreio e também atendia no escritório e confessionário. Direcionava os diretores espirituais a escutar bastante o orientado, aqueles que por algum motivo evitavam ele, preparava-os para um colóquio no pátio (HESS, 1983).

A partir dessas comparações entre os dois educadores Hess (1983), conclui com o que é de interesse de sua pesquisa; “em que aspecto as ideias de Rogers, um psicólogo atual, podem ajudar para a atualização do sistema preventivo de Dom Bosco (HESS, 1983, p. 163)? Fazendo esse questionamento, o autor apresenta aos seguidores de Rogers a alternativa invertida; “em que aspecto Dom Bosco pode enriquecer o método rogeriano (HESS, 1983, p. 163)? Conforme o autor, Rogers convence que, o conceito de educação em que se considera a importância do educador se fazer presente na vida do aluno é atual.

Uma assistência mais compreensiva, cheia de aceitação, ao invés de proteção e avaliação é que deve se fazer presente nessa relação. No que se refere ao ambiente, esse deve ser aberto à comunidade do jovem, a fim de que este tenha contato com fatos reais.

Segundo o autor, o amor individualizado e evidenciado num ambiente afetivo, ainda prevalece na educação como sendo um valor essencial. Este pode ser integrado ao educador pelas atitudes consideradas por ele como sendo boas, como religião, disciplina, alegria, estudo e trabalho.

Ainda hoje é válida a preocupação de Dom Bosco com a concepção de um clima que favorece o desenvolvimento do jovem e também a sua expansão em toda a circunstância escolar, principalmente nos recreios e encontros informais (HESS, 1983). Contudo Rogers, na opinião do autor, chama a atenção para a necessidade de reformular os métodos de ensino-aprendizagem.

Se não podemos transformar todo o ensino em aprendizagem centrada no aluno, ao menos devemos criar “espaços de liberdade” e tempos de criatividade e tornar o aluno centro-sujeito da própria educação. O aluno tem capacidade para avaliar a si e as atividades da direção, dos professores e dos orientadores (HESS, 1983, p. 164).

No que se refere aos conflitos, o autor considera que Rogers talvez possa ajudar com determinadas contribuições para se refletir; é necessário confiar nas possibilidades do orientado, saber ouvi-lo e compreendê-lo, pois, o jovem para além de ser aconselhado e corrigido precisa de um amigo que o escute sem julgamentos, que acredite nele, que tenha uma relação autêntica e empática, sem fachadas, barreiras ou temores, uma relação compreensiva (HESS, 1983)

O autor sugere os grupos de encontro ou grupos de sensibilização, que podem indicar um novo modo de trabalho na escola e também dar a possibilidade de grupos de apoio compostos pela direção, professores, alunos e pais, se reunirem, tanto para planejar e revisar, como para promover um maior conhecimento, uma relação interpessoal verdadeira e mais afetiva. Mas mantendo também o cuidado

para não se transformarem em “supermercados de amor”¹² (HESS, 1983, p. 164).

Para o autor:

Os jovens de hoje pedem um relacionamento autêntico, querem uma *liberdade de* ou mesmo *contra* algo definido ou indefinido, e nós educadores devemos mostrar-lhes a *liberdade para*, finalizada, com um sentido que leva à auto-realização da pessoa. Na educação pode haver uma proposta de valores. Não pode é haver uma manipulação de pessoas ou imposição de valores a serviço de uma ideologia ou mesmo de uma teologia. Além da simpatia para com os jovens, necessitamos cultivar a empatia, a compreensão empática– devemos colocar-nos dentro do quadro interno de referência do jovem (HESS, 1983, p. 164 e 165).

Entre educadores e educando, orientadores e orientados, a amorevolezza pode favorecer amplamente a aceitação recíproca entre ambos, uma vez que, existe uma sensibilidade presente no jovem quanto a aceitação e a compreensão. Tanto a desaprovação como um simples gesto ou movimento facial expresso em forma de espanto pode resultar em fechamento, ou fazer com que este se afaste posteriormente. Há também a necessidade de compreender o jovem em seus conflitos afetivos e sexuais, dramatizar essas situações dá espaço para que esses problemas se fixem e se ampliem em sua vida. Para o autor, educar para a maturidade implica em dar ênfase a orientação sexual e afetiva, proporcionando um ambiente aberto e tranquilo (HESS, 1983).

Outro aspecto que o autor nos leva a refletir é: na educação, que tipo de ser humano se quer formar? Um ser humano consciente ou autômato, passivo ou dependente, autônomo ou criativo? Não se pode abstrair do método científico no mundo tecnológico, da organização e do trabalho racionalizado. Gravar sermões, palestras, respostas prontas nas entrevistas e nos colóquios e estudos futuros dos próprios, permitirão revelar os exemplos de atitudes do orientador e se foram dadas respostas interpretativas, avaliativas, interrogativas, compreensivas ou suportativas.

O autor conclui firmemente “que o sistema ou método preventivo de Dom Bosco, nos seus elementos essenciais, é atual, sobretudo porque se baseia num valor universal e perene: o amor” (HESS, 1983, p. 165).

¹² Nomeação dos grupos de encontro nos Estados Unidos.

4.3 Definições abordadas por Rogers, Freire e Dom Bosco

Quadro 1 – definições segundo Rogers, Freire e Dom Bosco

DEFINIÇÕES	CARL ROGERS	PAULO FREIRE	DOM BOSCO
Ser Humano	Um ser que tem potencial para crescer e autorrealizar-se de acordo com sua experiência	Confia que o ser humano está inclinado ao ser mais, cada pessoa tem a capacidade de ir além dos seus determinantes sociais	Todo ser humano é dotado de racionalidade, de recursos, naturais e sobrenaturais, e tem um potencial inesgotável de desenvolvimento, apesar de suas
Amor	É total aceitação, um sentimento que impulsiona um ser humano para o outro, dando liberdade para que esse outro cresça	É ao mesmo tempo o fundamento do diálogo e o próprio diálogo, ele inspira a criação e a recriação	É representado nas virtudes da Amorevolezza- afeto, benevolência, benignidade, solicitude, reciprocidade, atitudes de bondade, acolhimento, fraternidade
Autonomia	A operação da tendência atualizante tem por efeito dirigir o desenvolvimento do organismo no sentido de autonomia	É como o ser humano dialogicamente encontra a possibilidade de direcionar o rumo de sua própria história, assumindo para si um caráter crítico	Se dá por meio da razão, por ela o aluno conhece e assume as razões de tudo aquilo que estuda e vivência, inclusive de seus limites
Liberdade	Se dá a partir do conceito de tendência atualizante, da capacidade dos seres humanos de crescer e se desenvolver cada vez mais	Se dá por meio da prática dialógica. Implica uma práxis social na qual ação e reflexão estão dialeticamente constituídas.	Se dá a partir da razão, cada um é responsável por seu destino, e deve assumir sua vida com sentido de responsabilidade social e de compromisso

Fonte: elaborado pela autora

Analisando as definições dos autores evidenciadas acima, os três autores concluem que o ser humano possui capacidade para se desenvolver. Rogers considera o homem como um ser que tem potencial para crescer e se auto-realizar de acordo com sua própria experiência, ou seja, ele possui potencialidades que o levam ao crescimento e supera seus limites tanto pessoais quanto ambientais.

Freire considera o homem numa perspectiva de ser mais, parte de um ponto de vista positivo do ser humano, acreditando que ele é capaz de ir além dos seus determinantes sociais.

Dom Bosco o homem é um ser dotado de racionalidade, de recursos, naturais e sobrenaturais, acredita que no homem há um potencial inesgotável para se desenvolver, também acredita que o ser humano é capaz de compreender a vida e a razão de ser das coisas.

Os três autores acreditam que o papel do professor é fundamental na criação de um ambiente educativo que possibilite ao educando o seu desenvolvimento. Rogers entende que esse ambiente se dá através das atitudes facilitadoras, congruência, aceitação incondicional e compreensão empática, Freire afirma que esse ambiente se dá através de uma relação dialógica, Dom Bosco enfatiza que esse ambiente se dá através dos elementos educativos de razão, religião e amorevolezza.

O amor para Rogers é total aceitação, um sentimento que impulsiona um ser humano para o outro, dando liberdade para que esse outro cresça, acreditava que o amor é a força mais poderosa no universo. Para Freire o amor é ao mesmo tempo o fundamento do diálogo e o próprio diálogo, ele inspira a criação e a recriação, para ele educar é um ato de amor, Dom Bosco entende o amor como virtudes da Amorevolezza- afeto, benevolência, benignidade, solicitude, reciprocidade, atitudes de bondade, acolhimento.

Também definem o amor como um sentimento que deve estar presente no educador, que o leva a agir com benevolência, reciprocidade e com atitudes que o leva a desempenhar o seu papel com bondade e acolhimento proporcionando o desenvolvimento do educando.

No que diz respeito a autonomia Rogers enfatiza que ela resulta do papel da tendência atualizante, que é conduzir o desenvolvimento do organismo no sentido da autonomia, concretiza-se e move-se na direção de um auto-governo, uma auto-

regulação, para Freire é o meio que o homem dialogicamente encontra a possibilidade de direcionar o rumo de sua própria história, assumindo para si um caráter, autonomia é a capacidade de decidir-se, de tomar o próprio destino nas suas mãos e para Dom Bosco a autonomia se dá por meio da razão, por ela o aluno pode conhecer e assumir as razões daquilo que aprende e experiencia, até mesmo seus limites.

Os três autores consideram a autonomia como um meio que conduz o educando em direção ao desenvolvimento de uma vida de auto-controle e o papel do educador é o de possibilitar condições para que seus alunos criem sua própria autonomia.

A liberdade na concepção de Rogers se dá a partir do conceito de tendência atualizante, ou seja, a liberdade favorece ao indivíduo se desenvolver, pensar, criar, através dela a pessoa reconhece que o centro da responsabilidade reside em si própria, Freire entende que a liberdade se dá por meio da prática dialógica, a liberdade de expressão provoca interação e reflexão, leva as pessoas a criarem ao mesmo tempo a história e se fazerem seres histórico-sociais e à conscientização. Para Dom Bosco a liberdade se dá a partir da razão, cada pessoa é dotada de liberdade e responsável por seu destino e deve assumir sua vida com sentido de responsabilidade social e de compromisso.

Os três autores consideram a liberdade um fator importante para que o educando se desenvolva com responsabilidade, assumindo suas escolhas e seus compromissos na condução da sua vida.

No próximo capítulo será apresentado a Abordagem Centrada na Pessoa: um instrumento para a Educação Sociocomunitária.

5 ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA - UM INSTRUMENTO PARA A EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA

Podemos dizer que a Educação Sociocomunitária influencia o indivíduo psicologicamente, sua prática educativa é considerada mais do que um método educacional, pois considera o desenvolvimento integral da criança nas suas dimensões física, afetiva, intelectual, social e espiritual, e tem a intenção de conduzi-la a assumir seus próprios passos e se tornar protagonista de sua própria história e formação.

Rogers (1985) psicólogo e experiente no funcionamento humano, afirma que o ser humano só se desenvolve plenamente quando é considerado um organismo integral, quando a consciência da sua experiência está em pleno funcionamento, daí então o seu comportamento é construtivo e socializado.

Por ocasião da interação entre o indivíduo e o contexto em que vive, uma parcela desta experiência se desdobra em “experiência de si”, fazendo com que este, então, crie uma “noção de eu”, a partir da qual, também irá guiar suas ações. Mais uma vez, é importante ressaltar que esta experiência de si não quer dizer a experiência de algo essencial existente dentro do indivíduo. Todas as noções que este adquire fazem parte do seu mundo [...] de forma que “não se trata tanto do ‘eu’, tal como existe em realidade, mas do ‘eu’ tal como é percebido pelo indivíduo (MAIA, GERMANO E MOURA, 2009, p. 37).

O ambiente facilitador proposto pela Abordagem Centrada na Pessoa conduz a criança em direção a assumir seus próprios passos e se tornar protagonista de sua própria história e formação, pois nesse ambiente a criança é aceita incondicionalmente e isto vai constituindo sua originalidade. Ao passo que, o indivíduo vai tendo sua “noção de eu” aceita, vai aceitando-se a si mesmo, de maneira a seguir em direção a auto-atualização.

A medida que a Educação Sociocomunitária influencia o indivíduo vai transformando a sociedade, pois conforme Bissoto (2012), é necessário que a percebamos como um processo de escuta, que traz à tona e favorece a emersão das diversas vozes que compõem as múltiplas educações, que vão construindo e configurando a subjetividade de cada pessoa, ao mesmo tempo em que vão sendo

inseridas nas malhas de relações sociais que constituem suas existências. Aqui refere-se a educação tanto no âmbito familiar como no escolar, religioso, esportivo, entre outros. Sendo correlacionados, estes diferentes campos educativos se interpõem e se contrapõem e se modificam reciprocamente, retroagem sobre os indivíduos ao mesmo tempo em que os transformam (BISSOTO, 2016).

Conforme Groppo (2013), ela é vista como uma estratégia educacional que articula grupos locais ou comunidades a fim de alcançar amplamente a transformação da sociedade. É uma intervenção educativa que tem por definição a produção do princípio sociocomunitário caracterizado por relações sociais que atentam às necessidades devidamente humanas: a sobrevivência, cuidado, identidade, liberdade, autonomia e criação.

Partindo dessas perspectivas, podemos afirmar que a Abordagem Centrada na Pessoa pode ser utilizada como um instrumento para a Educação Sociocomunitária. Instrumento no sentido primário da palavra é um elemento que serve de auxílio para levar a efeito uma ação, ou seja, uma abordagem que leva a pessoa a mover-se em direção ao crescimento, ao autoconhecimento e mudanças de atitudes.

Como descrevemos anteriormente, as atitudes facilitadoras (autenticidade ou congruência, aceitação positiva incondicional e compreensão empática) presentes no ambiente provocará mudança no indivíduo. Essas mudanças terão consequências nas relações sociais que resultarão na transformação da sociedade, por isso de grande importância para a Educação Sociocomunitária, pois vai de acordo com seus objetivos.

Assinalamos alguns pontos que nos fizeram chegar a essa afirmação.

O primeiro ponto é que experiências vivenciadas pelo próprio Rogers comprovaram que através de um ambiente em que estejam presentes as atitudes facilitadoras de crescimento, esse ambiente proporcionará à mudança do indivíduo. Segundo Rogers (1983), várias pesquisas foram realizadas e inúmeros resultados comprovaram mudanças efetivas na personalidade da pessoa e em seu comportamento.

Consideramos os aspectos das experiências de Rogers relevantes, pois conforme afirma Gomes (2008), a Educação Sociocomunitária contribui enquanto a teoria das práticas educativas comunitárias apresenta fatos reais que permitam

levantar tipificações que exemplifiquem ou induzam à superação da educação sociocomunitária.

O segundo ponto é que primeiramente essas mudanças afetaram o comportamento de Rogers, ele mesmo afirmou que suas experiências fizeram com que desenvolvesse relacionamentos mais íntimos e profundos e também amizades mais concretas nas quais se podiam dividir qualquer aspecto do próprio eu. Suas experiências também permitiram que ele se sentisse mais aberto para a intimidade e para o amor Rogers (1983).

Consideramos também esse aspecto relevante, pois segundo Gomes (2008) a Educação Sociocomunitária foi estabelecida num contexto em que gerou transformações no tempo e na história, por isso chama atenção para um tipo de método educacional caracterizado por intervenções educativas resultantes de transformações sociais para a comunidade, uma vez que, intervenções educativas se interpõem e se contrapõem e modificam reciprocamente.

O terceiro ponto que assinalamos é que, as atitudes facilitadoras foram analisadas e confirmadas através de um instrumento de pesquisa que conforme E. Freire (2000), foi desenvolvido por Barret-Lennard, o Relationship Inventory, especificamente com o objetivo de avaliar como era a percepção dos clientes em relação as atitudes facilitadoras. Posteriormente, o Relationship Inventory se tornou o instrumento mais utilizado, sendo usado de forma extensiva em pesquisas sobre as atitudes facilitadoras.

Barrett-Lennard segundo Loureiro (2012), era membro honorário da Universidade de Murdoch na Austrália e a partir de suas considerações aos argumentos da teoria de Rogers desenvolveu um questionário para medir as atitudes necessárias e suficientes¹³ por ele determinadas na Abordagem Centrada na Pessoa. Tal instrumento foi aplicado no cliente e no terapeuta, com o intuito de ter a percepção do relacionamento por parte de ambos. Segundo Loureiro (2012, p. 49);

O inventário utilizado é um conjunto de quarenta afirmações [...]. Nestas quarenta expressões estão percebidas as quatro dimensões de relação de ajuda de Barrett-Lennard, divididas equitativamente, isto é cada dimensão é percebida através de um conjunto de dez afirmações, às quais é atribuída uma cotação.

¹³ Atitudes facilitadoras; congruência, aceitação incondicional e compreensão empática.

Estas são apresentadas de forma dispersa no questionário, tendo sido mantida a mesma ordem na sua apresentação. Estas declarações estão organizadas sob a forma de afirmações;

- Quatro afirmações negativas e seis afirmações positivas para a dimensão **nível de respeito**;
- Cinco afirmações negativas e cinco afirmações positivas para a dimensão **empatia**;
- Seis afirmações negativas e quatro afirmações positivas para a dimensão **incondicionalidade**;
- Cinco afirmações negativas e cinco afirmações positivas para a dimensão **congruência**.

Ainda segundo Almeida (2012), o inventário de relações interpessoais de Barrett-Lennard: Forma OS-40, foi desenvolvido para fins tanto terapêuticos como acadêmicos. A primeira versão era de 64 itens, que logo após foi reformulada por outra versão com 40 itens, O inventário pode ser aplicado:

No sentido MO (myself to the other, de mim para outro) [...] que consegue medir as condições relacionais na sua origem [...] e no sentido OS (other to self, do outro para mim) que mede as condições relacionais baseadas nas percepções do cliente. [...] Cada um deles existe em diferentes adaptações: 40 ou 64 itens. (PAULA, 2012, p. 55).

As pesquisas de Barret-Lennard apresentaram conclusões que confirmaram as hipóteses de Rogers, conforme os clientes iam percebendo que seus terapeutas os compreendiam, eram congruentes, eram positivos e os consideravam incondicionalmente. Este aspecto aqui é considerado relevante no sentido de apresentar e confirmar os possíveis efeitos e resultados da Abordagem Centrada na Pessoa para a Educação Sociocomunitária.

O quarto ponto foi que Rogers percebeu que obteve um aprendizado que poderia ser aplicado a todo relacionamento humano e não exclusivamente ao trabalho com os clientes e suas dificuldades, pois até então seu trabalho era exclusivamente dentro do setting terapêutico, mas aos poucos essa experiência foi saindo de dentro da clínica e foi sendo realizada com vários grupos distintos, incluindo grandes grupos de comunidades chamados de workshops bem como a educação. Rogers notou que os aprendizados que adquiriu em suas experiências e que lhe proporcionaram significado, poderiam também ter algum sentido para as

outras pessoas em suas experiências, uma vez que, todos se encontram envolvidos em relações humanas (ROGERS, 1985).

Rogers (1985), considerou relevante o fato de suas pesquisas terem evidências eficazes de uma forma de psicoterapia, porém, considerou mais importante o fato dessas descobertas serem justificadas por uma teoria que envolve a todo relacionamento humano, ele teve motivos para crer nisso. Por isso pronunciava ser pertinente predizer que se no convívio familiar existisse um ambiente psicológico, a criança se tornaria mais autodirigida, socializada e madura. Assegurou nesse tempo estar testemunhando a manifestação de um novo campo das relações humanas, designadamente, a vivência de tais condições de atitude, sobreviria determinadas transformações.

Consideramos esse aspecto relevante, pois a educação sociocomunitária é uma intervenção educativa que tem por definição a produção do princípio sociocomunitário de relações humanas e sociais. Esse princípio segundo Groppo (2013) se caracteriza por relações sociais que se preocupam com as necessidades propriamente humanas, a sobrevivência, o cuidado, a identidade, a liberdade, a autonomia e criação e a Abordagem Centrada na Pessoa através das atitudes facilitadoras pode contribuir com esse princípio.

O quinto e último ponto é que as clássicas atitudes facilitadoras (aceitação positiva incondicional, compreensão empática e autenticidade), não seriam uma técnica, pois Rogers não criou uma metodologia, mas movimentou um modo de ser, justamente por se tratar não somente de atendimento psicológico, mas também de outras situações como família, educação, grupos de comunidades, entre outros. Por esse motivo Rogers alterou o antigo conceito de terapia centrada no cliente para Abordagem Centrada na Pessoa (AMATUZZI, 2012). Nas palavras de Rogers;

[...] não estou mais falando somente sobre psicoterapia, mas sobre um ponto de vista, uma filosofia, um modo de ver a vida, um modo de ser, que se aplica a qualquer situação onde o crescimento — de uma pessoa, de um grupo, de uma comunidade — faça parte dos objetivos (ROGERS, 1983, p. 3).

Conforme o autor um dos colaboradores de Rogers chamado Wood, percebeu muito bem esse “modo de ser” a que Rogers se referia, e afirma que “o

modo de ser que caracteriza a abordagem centrada na pessoa, é algo maior, mais geral, do que a forma concreta que esse modo toma quando aplicado a uma situação específica de terapia” (AMATUZZI, 2012, p. 36).

Para ele a Abordagem Centrada na Pessoa não é uma linha da psicologia, uma tradição, uma teoria ou uma terapia, nem uma filosofia, mas sim, um modo de ser que conduz seguramente a um modo de fazer, independente a situação, pois ele antecede a situação. “Ela pode levar consistentemente a formas de agir diferentes conforme as situações, as pessoas, os momentos” (AMATUZZI, 2012, p. 23).

A constituição do “jeito de ser” da Abordagem Centrada na Pessoa segundo AmatuZZi (2012), é apresentada por Wood em sete pontos que já podem ser considerados clássicos, pois descrevem. Juntamente com esses pontos mencionamos aspectos em comum com os influenciadores da Educação Sociocomunitária. São eles:

1) Uma perspectiva de vida de modo geral e positiva (WOOD, 1994, apud AMATUZZI, 2012, p. 39).

Isso denota crer na vida, crer que a vida vale a pena. Não seria uma comprovação baseada em experiências positivas, nem em conclusões de um passado feliz, mas diz respeito a falar sim à vida. Não há nenhuma obrigação de fazer isso, porém a primeira descrição e caracterização do modo de ser da abordagem centrada na pessoa, é dizer sim, sim para a vida, seja a experiência positiva ou negativa. “É uma fé. A fé é anterior à ciência e lhe dá apoio. É anterior, também, à ideologia. A fé tem a ver com fins; ciência e ideologia, com meios” (AMATUZZI, 2012, p. 39)

Aqui podemos mencionar Dom Bosco, ele incentivava os jovens na vida e na fé, pois através dela a pessoa alcançaria o significado da vida e a alegria de viver. A fé faz parte do sistema educacional por ele desenvolvido. Ele dizia que em conformidade de fé por meio de uma convivência integradora e experiencial a unidade pessoal, educadores e educandos poderiam se abrir aos valores do humano e do transcendente, construindo seu próprio projeto de vida (SCARAMUSSA, 2013).

Para Dom Bosco o jovem é autor de sua própria transformação, sua proposta para a educação seria mais que um estilo de vida, seria uma espiritualidade associada a uma experiência única e ativa, mas toda essa ação, ou seja, educadores, procedimentos, conteúdos, experiência, a busca em favorecer a assimilação crítica, ordenada e integradora do conhecimento, teria que ser desenvolvida juntamente com a fé (PELEGRINE, 2008).

2) Uma crença numa tendência formativa direcional (WOOD, 1994, apud AMATUZZI, 2012, p. 39).

A fé citada acima, é expressada pela crença numa tendência formativa que encaminha as coisas para o desenvolvimento, para algo que é complexo, direciona para a harmonia, para o ser mais, uma força que transcorre o universo, existente também no ser humano, pois ele é componente desse universo. Conforme AmatuZZi (2012, p.39), no ser humano,

Ela se expressa, dentre outros modos, como capacidade de autocompreensão, de mudança no autoconceito, e na atitude básica, diante da vida, e no comportamento autodirigido, sempre em razão do ser mais. Essa capacidade não é apenas algo vago, mas se traduz em recursos de autocompreensão e mudança na direção de maior complexidade e crescimento.

A tendência formativa está presente no ser humano individual, na comunidade, no grupo, no meio ambiente, ou seja, de modo geral, se encontra presente no universo. Neste ponto dois, Wood, estabelece a fé na tendência formativa, juntamente com os recursos consequente dela própria, que podem reorientá-la ou mesmo desbloqueá-la no ser humano, quando bloqueada. Esses recursos se consolidam nas atitudes enunciadas por Rogers atualmente conhecidas e comprovadas cientificamente; autenticidade, compreensão empática e aceitação incondicional (AMATUZZI, 2012).

Aqui podemos mencionar Freire, para ele há uma vocação existente no ser humano para ser mais, ele se movimenta para voltar-se para fora e se constrói a partir da liberdade, ele é inserido no mundo para construir sua própria história. O ser

mais encontra obstáculos em ambientes opressivos, o oprimido para ele é a pessoa que é impedida de ser mais.

O ser humano é visto por ele como um ser capaz de fazer, criar e transformar a sua própria realidade. “O homem, como um ser vocacionado a ser mais, que vive em relação construindo-se nela, não se contenta em viver só e busca transcender, transformar e transformar-se (ZILLI, 2014, p.27).

3) Uma intenção de ser eficaz (WOOD, 1994, apud AMATUZZI, 2012, p.41).

Na visão de Wood, esse ponto deve ser destacado como uma descrição da abordagem centrada na pessoa, a fim de que se tenha em mente que esse modo de ser tem compromisso com a mudança, e isso também é decorrente dessa fé fundamental. Entrar no fluxo da vida levando juntamente nossa ação, consciência, discernimento e nossa liberdade, é dizer sim à vida. Não se trata de uma atitude simplesmente abstrata, nem se visa unicamente o entendimento ou um conformismo.

A Abordagem Centrada na Pessoa não é filosófica e nem diagnóstica, ela é um modo de ser voltado para a ação, ações diversificadas de acordo com as circunstâncias e situações. “Não é um modo de agir (isso seria um método ou uma técnica), mas um modo de ser voltado para a ação eficaz” (AMATUZZI, 2012, p. 42). E se esse modo é válido para circunstâncias em que o desafio é a transformação rumo ao crescimento da pessoa, seja na terapia individual, no grupo ou dinamismo evolutivo, é válido também quando se trata de transformação no conhecimento e na investigação.

A partir disso o conhecimento passa a ser enfrentado como um ato evolutivo, assim sendo, a Abordagem Centrada na Pessoa é inspirada tanto por práticas terapêuticas como evolutivas, até mesmo no campo da ciência, um modo de ser direcionado para o ser mais, independente de qual seja o campo (Amatuzzi, 2012).

Aqui podemos dizer que a contribuição da Abordagem Centrada na Pessoa para a Educação Sociocomunitária é no sentido de compromisso com a mudança

voltado para a ação (congruência), ter consciência das coisas, ter discernimento das necessidades (empatia), proporcionar a mudança (aceitação incondicional).

4) Um respeito pelo indivíduo e por sua autonomia e dignidade (WOOD, 1994, apud AMATUZZI, 2012, p. 42).

Esse ponto diz respeito a disposição de atuar, mas atuar conjugado com outros seres humanos. “Se me ponho como agente, não posso esquecer que o outro se coloca para mim como tão autônomo e digno de respeito como eu, e que, portanto, a ação passa a ser, no mínimo conjunta” (AMATUZZI, 2012, p. 42). Isso implica numa experiência especial, de reverência, que se transcende como valor, algo que não se pode dominar.

Conforme o autor, isso embarga qualquer modo de manipulação que domine o outro e desvalorize sua autonomia. É possível associar-se ao outro, em comunidade, em grupo e até mesmo em dupla, e no que diz respeito a um estado de ajuda psicológica, implica como base “favorecer no outro sua própria liberdade e autonomia vividas no encontro inter-humano” (AMATUZZI, 2012, p. 42).

Para Freire, a ética o respeito à dignidade humana é fundamental, sua pedagogia foi desenvolvida com base nesses princípios, foi uma pessoa comprometida com a vida. Freire proporcionou dignidade e respeito ao aluno, colocou o professor ao seu lado para criar condições para o seu desenvolvimento, também colocou os pais a tomarem parte nas discussões e decisões dos filhos a fim de que eles assumissem a própria liberdade com responsabilidade (ZILLI, 2014).

5) Uma flexibilidade de pensamento e ação (WOOD, 1994, apud AMATUZZI, 2012, p. 43).

Segundo afirma AmatuZZi (2012), o ponto antecedente a esse fica impraticável. “Se não me abro para o outro, para o que não vem de mim, para o diferente, não posso viver em comunhão. Se aquele senso de reverência é mais do

que palavras, preciso ser capaz de acolher o diferente” (p. 43). Acolher tanto a pessoa diferente e a ação diferente, quanto o pensamento diferente. Exemplificando, ao ir a uma reunião leva-se ideias e propostas de ação, porém, ao estar apegado a essas ideias, a reunião transformar-se-á em uma contestação pelo poder. Sendo assim, não existirá mais um encontro de pessoas, nem uma relação entre pessoas, apenas um relacionamento. É necessário ter a capacidade de deixar-se transformar pela convivência. O que se destaca aqui é o valor de se ter uma dúplice visão dos fatos: “uma linear, construída pedaço-a-pedaço, e outra holística, olhando o conjunto, percebendo tudo-de-uma-vez” (AMATUZZI, 2012, p. 43).

No sentido de o senso de reverência ser mais do que palavras, podemos também mencionar Freire, ele entendia que escutar vai além da possibilidade auditiva de cada pessoa, significa estar disponível ao outro, estar aberto à fala do outro, ao gesto do outro, estar aberto às diferenças do outro. Escutar é fundamental para que o processo educacional aconteça, ensinar demanda acompanhar os educandos para que assim possam construir seus conhecimentos, um processo educacional sem estar aberto ao outro coloca em risco a construção da autonomia (ZATTI, 2007).

6) Uma tolerância quanto às incertezas ou ambiguidades (WOOD, 1994, apud AMATUZZI, 2012, p. 43).

Conforme afirma AmatuZZi (2012), Wood a esse ponto acrescenta imediatamente: “sendo capaz de viver numa situação caótica até que fatos suficientes se acumulem para ser possível abstrair-se um sentido deles” (AMATUZZI, 2012, p. 43). Isso num plano puramente racional e lógico, seria impossibilitado, pois para isso é necessário que se saia dos limites racionais, e confie que há uma sabedoria existente no mundo em que se pode conectar fecundamente.

Decorrente dos pontos anteriores, para isso, tem que se ter fé na vida e estar disposto a aprender com ela, e, por conseguinte sem ação e pensamento flexível,

nossas construções permanecem aprisionadas ao próprio eu, sem probabilidade de expandir (AMATUZZI, 2012).

Podemos mencionar aqui as situações-limites de Freire, ele se refere a essas situações aquelas que ao indivíduo parecem ser impossíveis de se transpor, segundo ele isso acontece quando estão num estado de consciência real, ou seja, estão impossibilitados de perceberem além das situações-limites. Isto não deve ser visto como o fim das probabilidades, mas como um obstáculo que se pode superar. Quando o indivíduo consegue enxergar saídas Freire afirma que ele conseguiu chegar a um estado elevado da consciência (NASCIMENTO E LINSINGEM, 2006).

7) Senso de humor, humildade e curiosidade (WOOD, 1994, apud AMATUZZI, 2012, p. 44).

Para AmatuZZi (2012), há uma grande abertura ao desconhecido por parte de Wood aqui, que é a pessoa ter a capacidade de dar risada e até de si próprio, pois o brincar propõe caminhos súbitos, manifesta com alegria as demarcações do nosso próprio eu.

Aqui podemos mencionar Dom Bosco, ele acreditava que os jovens muitas vezes viviam conflitos com a própria realidade devido a busca de identidade, então para que esse processo fosse agradável era necessário incluir em suas realidades distrações e diversões. “Os jovens necessitam de alegria, e esta é antes de tudo alegria de estar bem consigo mesmo, de ser reconhecido, de ser amado, enfim” (SCARAMUSSA, 2013, p. 111).

Também podemos mencionar Freire no conceito de humildade, ele próprio era uma pessoa humilde, sua pedagogia foi fundamentada no diálogo e um dos alicerces do diálogo é a humildade, dizia que só era possível haver o diálogo com humildade, desta forma seria possível estabelecer uma relação horizontal de afinidade e confiança entre as pessoas (MENEZES E SANTIAGO, 2014).

Rogers definiu a Abordagem Centrada na Pessoa em termos de atitudes e valores (AMATUZZI, 2012). Ela é encontrada nas atitudes e valores implícitos ao agir, portanto “o jeito de ser” refere-se a valores (grifo nosso).

Segundo AmatuZZi (2012) as clássicas atitudes facilitadoras foram esboçadas por Alberto Segrera¹⁴ em termos de valores implícitos; para que se tenha uma genuína autenticidade ou congruência é necessário ser enraizado no valor da harmonia, isso permitirá ao indivíduo ser mais inteiro. Para que se tenha uma genuína consideração incondicional, é necessário ser apoiado no valor do amor; aceitar porque ama; porque está unido com o outro. A compreensão empática é enraizada na sabedoria, mas como valor diferente da ciência, enquanto a ciência adentra-se nos mecanismos fenomênicos, a sabedoria adentra-se numa situação mais abrangente; nos significados dos fenômenos.

Deste modo, a Abordagem Centrada na Pessoa se justifica como uma ética, a ética das relações (interpessoais, comunitárias, sociais, políticas), pois fala de valores humanos (AMATUZZI, 2012). Observando essa abordagem no convívio social, AmatuZZi (2012) p. 23 e 24, coloca esses valores do seguinte modo:

- 1) Que as pessoas se respeitem como possuidoras de valor absoluto, que não se imponham umas às outras, e entendam que, solidariamente, chegarão ao melhor resultado. Certa vez, alguém me disse: "na sociedade, ou você está por cima ou está por baixo". E fiquei com vontade de lhe perguntar: "E por que não podemos estar ao lado, no mesmo nível?". Isso tem a ver com a valorização da pessoa, com o respeito ou estima a ela devidos, com a consideração positiva que fundamenta um convívio social saudável e fecundo, com confiança.
- 2) Que as pessoas procurem se compreender mutuamente, na integridade de cada uma, isto é, com todos os seus sentimentos e com os significados que se prendem a eles, mesmo com os que não conseguem expressar clara e totalmente. É quando as pessoas se ouvem plenamente (até para além das palavras) que si delineia um rumo positivo. Isso está relacionado com a empatia, com comunhão de sentimentos.
- 3) Que cada um seja verdadeiro no que diz respeito à situação que está sendo vivida em conjunto, sem sonegar nenhuma informação relevante. Isso tem a ver com a honestidade na diferença, ou seja, com a autenticidade.

Aqui está mais um aspecto importante para a Educação Sociocomunitária, pois seus influenciadores tem o valor e a ética como elementos efetivos em seus métodos educacionais. Os valores citados acima são de grande contribuição, pois

¹⁴ Foi pioneiro de um momento pós Rogers da Abordagem Rogeriana, quando organizou o Primeiro Fórum internacional da Abordagem, em Oaxtepec, no México, em 1983.

definem “a própria qualidade do convívio social fecundo em termos de humanização ou de desenvolvimento cultural” (AMATUZZI, 2012, p. 25).

Portanto conforme o autor, tudo se clareia quando se entende que a Abordagem Centrada na Pessoa “nos fala de fins, valores e posturas, e não de meios, instrumentos ou técnicas” (AMATUZZI, 2012, p. 58).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Abordagem Centrada na Pessoa: um instrumento para a Educação sociocomunitária foi o tema desta pesquisa, todavia antes de apresentar as conclusões decorrentes deste estudo, faz-se necessário lembrar a problemática:

Como a Abordagem Centrada na Pessoa pode contribuir para a Educação Sociocomunitária?

As conclusões decorrentes do trabalho desenvolvido e a resposta para a questão formulada acima, foram devidamente norteadas pelo objetivo geral, fez-se necessário analisar as obras de Rogers e outros autores para entender os conceitos, refletir sobre a problemática e obter compreensão de como este instrumento poderia ser útil na Educação Sociocomunitária.

A partir da pesquisa realizada foi possível concluir que Abordagem Centrada na Pessoa é de grande importância para a Educação Sociocomunitária, pois oferece formas de lidar com o ser humano em suas relações e oferece condições para se estabelecer um contexto de relações humanas positivas, por isso ela pode contribuir com a Educação Sociocomunitária, uma vez que, apresenta ferramentas que podem ser relevantes para sua proposta de atuação.

As ferramentas evidenciadas nesta pesquisa são as atitudes facilitadoras de crescimento: congruência, compreensão empática e aceitação positiva incondicional destacadas por Rogers. Um ambiente em que estejam presentes essas atitudes são eficazes para um funcionamento saudável da pessoa e sua personalidade.

As clássicas atitudes facilitadoras de Rogers segundo Amatuzzi (2012), não seriam uma técnica, mas “um jeito de ser” que leva seguramente o indivíduo a agir, e aqui o porquê de instrumento, pois o sentido primário da palavra instrumento é “levar a efeito uma ação”. O “jeito de ser” conduz o indivíduo a agir de diferentes formas, conforme as situações por ele vivenciadas e pessoas inseridas dentro deste contexto.

E de que forma isso contribui com a Educação Sociocomunitária? Uma vez que, a Educação Sociocomunitária aplicar esse clima facilitador que propõe a Abordagem Centrada na pessoa ao princípio sociocomunitário (caracterizado por relações sociais que atentam as necessidades devidamente humanas: a

sobrevivência, cuidado, identidade, liberdade, autonomia e criação) a que se referiu Groppo (2013), esse clima facilitador fará com que cada indivíduo descubra dentro de si mesmo a capacidade de utilizar essa relação (vivenciada através das atitudes facilitadoras) para crescer, o que ocasionará em mudança e crescimento pessoal.

Essas mudanças terão consequências nas relações sociais que resultarão na transformação da sociedade, pois ao se viver esse tipo de relação o indivíduo almeja criar essa atmosfera com os outros.

Um modo de ser centrado na pessoa lado a lado com a Educação Sociocomunitária, uma vez que, ela vai construindo e configurando a subjetividade do ser humano, estabelecerá relações positivas e conscientes, o qual contribuirá com o indivíduo para sua liberdade, autonomia e criação.

Partindo da base central da abordagem centrada na pessoa em que o ser humano possui dentro de si condições para se compreender e modificar seus autoconceitos, suas atitudes e comportamento autônomo (tendência atualizante), essa tendência existente em todo indivíduo espera unicamente pelas condições adequadas para ser liberada e expressa.

Ao longo da pesquisa foi possível abranger que os principais influenciadores da Educação Sociocomunitária, Dom Bosco e Paulo Freire, partilham da mesma ideia de Rogers, ainda que seus métodos educativos foram criados em épocas diferentes. Tanto Rogers quanto Dom Bosco e Freire concluem que o ser humano possui capacidade para se desenvolver, portanto o aluno tem essa capacidade, e o papel do professor é fundamental na criação de um ambiente educativo que possibilite ao educando o seu desenvolvimento.

Ambos assim como Rogers definem o amor como um sentimento que deve estar presente no educador, pois o levará a agir com benevolência, reciprocidade e com atitudes que o levará a desempenhar o seu papel com bondade e acolhimento proporcionando o desenvolvimento do educando.

Também ambos como Rogers consideram a autonomia um meio que conduz o educando em direção ao desenvolvimento de uma vida de auto-controle e o papel do professor é o de possibilitar condições para que seus alunos criem sua própria autonomia.

Os três autores consideram a liberdade um fator importante para que o educando venha se desenvolver com responsabilidade, assumir suas escolhas e

seus compromissos e venha conduzir sua vida. Deste modo, concluímos que essas aproximações das ideias afirmam ainda mais a abordagem centrada na pessoa como um instrumento para a educação sociocomunitária, pois partem dos mesmos princípios.

Também foi possível abranger a influência psíquica da Educação Sociocomunitária sobre o indivíduo. Sua prática educativa é mais do que um método educacional, pois considera o desenvolvimento integral da criança nas suas dimensões física, afetiva, intelectual, social e espiritual, e tem a intenção de conduzi-la a assumir seus próprios passos e se tornar protagonista de sua própria história e formação.

Este aspecto vai de encontro com o que afirma Rogers, psicólogo experiente no funcionamento humano. Segundo ele o ser humano só se desenvolve plenamente quando é considerado um organismo integral, quando a consciência da sua experiência está funcionando plenamente, daí o seu comportamento é construtivo e socializado.

Para Rogers o autoconceito e a noção de eu do ser humano, chamado também de self, é a percepção que a pessoa tem de si mesmo e da realidade. Essa noção que o indivíduo tem de si, se dá por intermédio da interação entre o indivíduo e o contexto em que convive. Uma parte desta experiência (interação entre o indivíduo e o seu contexto) vai se desdobrar e constituir no indivíduo a “experiência de si” e permitirá a este criar uma “noção de eu”, a partir de então essa noção de eu irá também guiar suas ações (MAIA, GERMANO E MOURA, 2009).

O ambiente facilitador proposto pela Abordagem Centrada na Pessoa é de grande contribuição para a Educação Sociocomunitária na condução da criança em direção a assumir seus próprios passos e se tornar protagonista de sua própria história e formação, pois nesse ambiente a criança é aceita incondicionalmente e isto vai constituindo sua originalidade. Ao passo que, o indivíduo vai tendo sua “noção de eu” aceita, vai aceitando-se a si mesmo, de maneira a seguir em direção a auto-atualização.

Acreditamos que se os educadores sociocomunitários utilizarem deste instrumento, obterão resultados surpreendentes não só no contexto educacional como também pessoal e familiar.

Num mundo onde existem tantas pessoas açoitadas pelos vendavais da vida, que a Educação Sociomunitária juntamente com a Abordagem Centrada na Pessoa, possa oferecer os recursos do amor, autonomia e liberdade para alcançarem a calma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Consideração Positiva Incondicional no sistema teórico de Carl Rogers. **Temas em Psicologia** - 2009, Vol. 17, nº 1, 177 – 190.

AMATUZZI, Mauro Martins. **Rogers: ética humanista e psicoterapia**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2012. 2º edição.

BISSOTO, Maria Luísa. A EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA: REFLEXÕES SOBRE O EDUCAR PARA A AUTONOMIA. **Eccos**, São Paulo, n. 41, p. 157-172. Set/dez. 2016.

BRANCO, CASTELO; P. C. Organismo: tendência atualizante e tendência formativa no fluxo da vida. **Humanismo de funcionamento Pleno: Tendência Formativa na Abordagem Centrada na Pessoa–ACP**. Campinas: Alínea, p. 65-96, 2008.

BRANCO, Paulo Coelho Castelo; MONTEIRO, Paulo Souza; FELIX, Lucas Matias. DIÁLOGO ENTRE OS MÉTODOS EDUCACIONAIS DE PAULO FREIRE E CARL ROGERS. **Perspectivas em Psicologia**, v. 20, n. 2, 2016, p. 110-126.

CASTELO BRANCO, Paulo Coelho. **A noção de organismo no fieri teórico de Carl Rogers: uma investigação epistemológica**. 2010. 160f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

CHIZZOTTI, Antônio. Metodologia do ensino superior: o ensino com pesquisa. **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas: Papirus, p. 103-112, 2001.

CURY, Vera Engler. **Abordagem centrada na pessoa: um estudo sobre as implicações dos trabalhos com grupos intensivos para a Terapia Centrada no Cliente**. 1993. 297 f. Tese (Doutorado em Saúde Mental) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade de Campinas, Campinas, 1993.

DAUD, Eliana Lopes; CARO, Sueli Maria Pessagno. A importância de Paulo Freire na Educação Sociocomunitária. **Revista de Ciências da Educação**, v. 1, n. 28, 2013.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Pearson Prentice, 2004.

FREIRE, Elizabeth Schmidt. **A implementação das atitudes facilitadoras na relação terapêutica centrada no cliente**. 2000. 70 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia clínica) – Departamento de Pós-Graduação em psicologia, Instituto de Psicologia da PUC Campinas, Campinas, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**- 45ª Edição- Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 2013.

FONSECA, Maria. Jesus. Martins. Carl Rogers: uma concepção holística do Homem – Da terapia centrada no cliente à pedagogia centrada no aluno. Instituto Politécnico de Viseu, Nº 36, 28 pp. 2009.

FONTGALLAND, Rebeca Cavalcante; MOREIRA, Virginia. Da empatia à compreensão empática: evolução do conceito no pensamento de Carl Rogers. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 23, p. 32-56, 2012.

GADOTTI, Moacir. Contribuição de Paulo Freire ao pensamento pedagógico mundial. Universidade Nacional da Costa Rica. Auditório del CIDE, San José, 19 de abril de 2001. Disponível em acervo.paulofreire.org.

GADOTTI, Moacir. Escola cidadã: uma aula sobre a autonomia da escola. São Paulo: Cortez, 1992.

GADOTTI, Moacir. Lições de Freire. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, n. 1-2, 1997.

GALVÃO, Altair de Oliveira. **Educação profissional no Centro Paula Souza e educação popular: (Im) possibilidades de atuação**. 2017. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UNISAL – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2017.

GENDLIN, Eugene T. Celebrations and Problems of Humanistic Psychology The Humanistic Psychologist, Vol 20. Nos. 2 and 3, pp. 447-460 Copyright 1992 Division 32, American Psychological Association. Tradução: Prof. Ms. João Carlos Caselli Messias.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

GOMES, Paulo de Tarso, 2008. “Educação sóciocomunitária: delimitações e perspectivas”. In: **Revista de Ciências da Educação**. Americana/SP: Ano X, Nº 18, 1.o Semestre/2008, pp. 43-63.

GROPPO, Luís Antônio. Adorno e a educação sociocomunitária: diálogos e proposições. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 49, p.19-34, mar. 2013.

HESS, José R. **O amor em Dom Bosco e em Rogers**. São Paulo: Salesiana, 1983.

HOLANDA, Adriano. (1994). **Repensando as fases do pensamento de Rogers**. Trabalho apresentado no *VII Encontro Latino-Americano da Abordagem Centrada na Pessoa*, 9 a 16 de outubro de 1994, Maragogi-Al, Brasil.

ISAÚ, Manoel. Da Educação Social à Educação sociocomunitária e os salesianos. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 26, p. 2-24, 2007.

LOUREIRO, Helena Maria Cardoso Leitão et al. **Cuidar em enfermagem: percepção do adolescente**. 2012. Tese de Doutorado. Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde de Viseu.

MAIA, C., GERMANO, I. & MOURA, J. (2009). Um diálogo sobre o conceito de self entre a abordagem centrada na pessoa e a psicologia narrativa. **Revista do NUFEN**, 1(2), 33-54.

MENEZES, Marília Gabriela; SANTIAGO, Maria Eliete. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **Pro-Posições**, v. 25, n. 3, p. 45-62.

MOREIRA, V. (2010). Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. **Estudos de Psicologia**. Campinas, 27(4), 537-544.

NASCIMENTO, T. G.; LINSINGEN, I. Articulações entre o enfoque CTS e a pedagogia de Paulo Freire como base para o ensino de ciências. **Convergência: Revista de Ciências Sociais**, año 13, n. 42, set/dez. 2006.

OLIVEIRA, Igor Alves Dantas de. **Carl Rogers na educação de ensino médio**. 2015. 126 f. Dissertação (Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Mackenzie, São Paulo.

Paula, Teresa. Maria. Figueiredo. Lopes. Carvalho. (2012). **Relação de ajuda: Perspectiva do enfermeiro de pediatria**. Tese de Mestrado, Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde, Viseu, 2012.

PELEGRINE, V. G. O amor e a educação no sistema preventivo de Dom Bosco. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 1, n. 2, p. 1-22, 2008.

PETRONI, Ana Paula; DE SOUZA, Vera Lúcia Trevisan. Vygotsky e Paulo Freire: contribuições para a autonomia do professor. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 27, p. 351-361, 2009.

ROGERS, C. R. **A pessoa como centro**. São Paulo, EDUSP, 1977.

ROGERS, C. R. **Grupos de Encontro**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

ROGERS, C. R. **Terapia centrada no cliente**. Lisboa: EDIUAL, 2003.

ROGERS, C. R. (2002). **Training the Therapist**. Em: Rogers, C. R., & Russell, D. E. Carl.

ROGERS, C. (1985). **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Martins Fontes.

ROGERS, Carl. **Um jeito de Ser**. São Paulo: E. P. U, 1983.

RUFINO, Maria Irene Machado. **Carl R. Rogers e Paulo Freire: aspectos semelhantes e complementares que favorecem a compreensão da educação de adultos**. 1985.

SCARAMUSSA, Dom Tarcísio. Atualidade e repensamento do sistema preventivo de Dom Bosco. **Revista de Ciências da Educação**, [S.l.], ago. 2013. ISSN 2317-6091.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Utopia, teoria e ação: leitura das propostas grupais na abordagem centrada na pessoa. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 3, p. 628-639, 2011.

SOFFNER, Renato Kraide; SANDRINI, Marcos. A pedagogia e a práxis educativa de João Bosco. In. **Revista de Ciências da Educação. Americana** – SP: Ano XV – Nº 26 – 1º semestre 2012

SILVA, Elenice Marins de oliveira. **Ser o que se é: o processo de mudança terapêutica**. 2015. 49 f. (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2015.

VILLAR, Jose Carlos Calvo et al. A Aceitação Incondicional na Reestruturação do Self. 2010.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e Educação em Immanuel Kant & Paulo Freire**. EDIPUCRS, 2007.

ZILLI, Luciane Nelso. **A formação na empresa: uma crítica a partir de Freire e Rogers**. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.